



LSPA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

**A EXPRESSÃO DO *ENCONTRO INTERSUBJECTIVO* NO E ATRAVÉS DO
RORSCHACH: ANÁLISE DE UM PROTOCOLO LIMITE**

CARLA SOFIA DA SILVA LOPES

Orientador de Dissertação:

Professora DOUTORA MARIA EMÍLIA MARQUES

Coordenador de Seminário de Dissertação:

Professora DOUTORA MARIA EMÍLIA MARQUES

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA

Especialidade em Psicologia Clínica

2013

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de
Professora Doutora Maria Emília Marques, apresentada
no ISPA – Instituto Universitário para obtenção de grau
de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica.

AGRADECIMENTOS

À Professora Doutora Maria Emília Marques, pela atenção e disponibilidade, conhecimento e rigor, pela sua maestria na arte de pensar o indivíduo dentro da sua natureza subjectiva que caracteriza o ser humano, apenas admitindo que este seja apreciado numa tentativa de aproximação à sua essência, sempre relativizada. Obrigada pela partilha do seu prisma teórico que realça um grande respeito pelo indivíduo na sua infinita complexidade, tendo-me ensinado a adoptar uma perspectiva mais flexível, alargada e reflexiva a respeito da Clínica Psicanalítica. Obrigada por me sensibilizar para as virtudes de um olhar clínico que destaca e preza o indivíduo na sua singularidade.

Ao meu pai, pela oportunidade de crescimento e desenvolvimento que me deu a partir das suas estéticas de cuidados. Obrigada pela dedicação e confiança.

À minha mãe, pelo carinho e apoio que me deu ao longo deste percurso. Pela sua importância na escolha do tema, a ela lhe dedico este trabalho. Obrigada por me inspirar a ser melhor.

À minha irmã, pelo apoio e tolerância às minhas vicissitudes, pelo seu inestimável contributo na realização deste trabalho. Obrigada por todo o carinho e compreensão.

Ao David, pelas incansáveis recomendações e advertências. Obrigada pela sua preocupação sem igual.

À minha avó que sempre me apoiou com as suas ternas palavras,

A todos, os meus sinceros e honrados agradecimentos.

RESUMO

O presente estudo aborda as dinâmicas relacionais intersubjectivas, nas suas diversas modalidades, que se inscrevem nas interligações entre sujeito e objecto.

Partimos do modelo teórico continente-conteúdo proposto por Bion, para descrever a forma como a identificação projectiva serve a comunicação intersubjectiva, no âmbito do espaço potencial, através do recurso à função alfa e à capacidade de *rêverie* nos processos de integração e de simbolização da experiência psíquica.

De uma perspectiva mais ampla, propõe-se uma análise de um protocolo de um paciente limite, que permita aceder às suas possibilidades dinâmicas intersubjectivas, com vista ao alargamento do prisma da clínica psicanalítica.

No geral, concluímos que o paciente limite, apesar das características psicopatológicas que condicionam as suas possibilidades relacionais, movimenta-se na fronteira entre o encontro intersubjectivo que relewa do acesso a um espaço potencial dotado de uma *rêverie* incipiente e a interpenetração intersubjectiva que impede o contacto relacional.

Palavras-Chave: *Encontro Intersubjectivo, Limite, Rorschach.*

The Expression of *Intersubjective Meeting* through the Rorschach: Analysis of a Borderline Protocol

ABSTRACT

The present study intends to clarify the relational intersubjective dynamics, in its various forms, that fall under the connections between subject and object.

Starting from the Bion's conceptual model of container and contained, to describe how projective identification support the intersubjective communication, within the potencial space, through the use of alpha function and *reverie* capacity in the integration and symbolization processes of the psychic experience.

Essentially we conclude that the *borderline* patient, despite the psychopathological characteristics that constrain their relational possibilities, moves in the border between the intersubjective meeting that shows the access to a potencial space provided with an incipient *reverie* or the intersubjective interpenetration that blocks the relational contact.

Key-Words: *Intersubjective Meeting, Borderline, Rorschach*

Índice

Introdução	V
1. A Intersubjectividade	1
1.1 As raízes filosóficas da Intersubjectividade	1
1.2 Da Autoctonia à Alteridade a caminho da Posição Depressiva	2
1.3 Entre a destruição onnipotente e o reconhecimento: um Espaço Potencial	3
1.4 A <i>Rêverie</i> no Espaço Potencial Intersubjectivo	5
1.5 A Identificação Projectiva como meio de comunicação Intersubjectivo	7
1.6 A Identificação Projectiva enquanto Terceiro Intersubjectivo	8
1.7 A Identificação Projectiva na Dimensionalidade Psíquica	12
2. Objectivo do Estudo	13
3. Tipo de Estudo	15
5. O Instrumento Rorschach	16
6. O Material	20
7. Procedimentos de Análise	21
8. Apresentação e Análise dos Resultados	28
9. Discussão	55
10. Conclusão	62
11. Referências Bibliográficas	63
Anexos/Tabelas	64
Anexo A – Protocolo Rorschach	66
Anexo B – Psicograma	74
Tabela 1. Procedimentos de Análise no Rorschach	75

INTRODUÇÃO

Ao introduzir o ‘*princípio dos tempos modernos*’, a subjectividade, ‘*contra a encarnação autoritária da razão centrada no sujeito, Hegel apresenta o poder unificante de uma intersubjectividade...a posição da relação reflexiva entre sujeito e objecto é ocupada por uma mediação em largo sentido comunicacional dos sujeitos entre si*’ (Hegel, 1989 cit. in Habermas, 2000, pg. 39). A subjectividade institui-se contra a razão e, a compreensão entre sujeitos contra a lógica de objectivação, conduzindo à busca de equilíbrio intersubjectivo e abrindo as vias a novas concepções. A ciência deve então ser concebida como conhecimento intersubjectivo, objecto de consenso entre intervenientes, obtido pelo diálogo. Neste sentido, “*o paradigma do conhecimento de objectos é substituído pelo paradigma de compreensão mútua entre sujeitos capazes de falar e agir*” (Hegel, 1989 cit. in Habermas, 2000, pg. 56).

É de acordo com esta lógica intersubjectiva que o presente estudo irá recrutar os postulados de autores como Melanie Klein, Wildfred Bion, Thomas Ogden, Jessica Benjamin e James Grotstein, com o propósito de fornecer uma abordagem dos modos relacionais entre subjectividades, centrada na bidirecionalidade comunicacional da/na relação Eu-Outro. Para tal, e com ancoragem no modelo teórico de relação continente-conteúdo, proposto por Bion, daremos realce ao mecanismo da identificação projectiva enquanto motor de comunicação e transformação, que detém o seu papel nos processos de criação e representação simbólica, e adquire uma função na evolução intersubjectiva, sendo um mecanismo necessário tanto na dispersão e na disrupção, como na integração e na manutenção, já que visa ordenar a realidade interna e a realidade externa, de acordo com as possibilidades de integração dialéctica.

A abordagem do processo dialéctico patente na formação de símbolo ganha sentido no âmbito da intersubjectividade, bem como a exploração de conceitos essenciais como o *espaço potencial*, a *função alfa*, a *capacidade de rêverie* e o *terceiro intersubjectivo*, permitindo articular a relação entre a identificação projectiva e a simbolização, no que toca aos processos geradores de conhecimento, pensamento e transformação, dentro da relação continente-conteúdo e dos seus diversos inter-cruzamentos. Desta forma, propomos uma viagem ao campo da intersubjectividade, na qual visitaremos conceitos que nos permitem dar conta das suas variantes ao nível da diferenciação, ligação, comunicação e ressonância emocional, estabelecidas num processo dialéctico que visa o compromisso harmonioso entre mundo interno e mundo externo, fantasia e realidade, Eu e Outro, dentro da relação intersubjectiva.

1. A Intersubjectividade

1.1 As raízes filosóficas da *Intersubjectividade*

Habermas (2010), filósofo contemporâneo que se propôs a abordar a ética no discurso, evoca o processo comunicativo numa lógica racional e moral, como a base para a sua Teoria do Agir Comunicativo, desenvolvendo assim a noção de intersubjectividade. Considera a racionalidade como sistema operante da sociedade e concebe o termo *mundo de vida* para se referir à racionalidade individual que é, por sua vez, mediada pela linguagem, no processo comunicativo. A racionalidade discursiva é tratada sob um prisma filosófico e sociológico, à luz da esfera do universo relacional dos sujeitos e com vista à concepção de um discurso comunicativo fundado na intersubjectividade. Habermas (2010) concebe o agir comunicativo como acção que visa aceder à sociologia do mundo relacional dos indivíduos e fundamenta a reabilitação da esfera social através de orientações dialógicas das acções sociais, relevando da necessidade de uma atitude dialogante, compreensiva e democrática, na órbita de um consenso comunicativo. Tal implica que a comunicação adquira um lugar dentro das relações sociais, de acordo com as diversas racionalidades individuais das acções sociais, o que realça a intersubjectividade no seio espaço comunicativo (Habermas, 2010).

A ética do discurso de Habermas fundamenta-se no entendimento linguístico voltado para o consenso, já que a linguagem é tida como mediador das subjectividades racionais do mundo vivido de quem, através dela, comunica. Habermas distingue três mundos, sendo estes o mundo externo ou objectivo (o perceptível), o mundo social ou das relações intersubjectivas (onde a linguagem adquire o seu papel central, com base em crenças e valores legitimamente regulados) e, ainda, o mundo interno, subjectivo ou interior (mundo das vivências interiores). Os três mundos confluem entre si no processo da comunicação, já que, de acordo com o autor, a *'objectividade dá-se no horizonte revelado, linguisticamente, do nosso mundo de vida intersubjectivamente partilhado'*. Para Habermas (2010), a própria objectividade do mundo é construída *intersubjectivamente*, à medida que as culturas, as gerações e as tradições vão imprimindo sentido, via linguagem, ao que existe no mundo. O *mundo de vida* ou *Lebenswelt* representa o espaço potencial para o entendimento linguístico, o contexto formador do entendimento entre ouvintes e falantes, o saber de fundo que é partilhado *intersubjectivamente* pela comunidade comunicativa.

Será a partir dos elementos do *mundo de vida* que os sujeitos falantes se constituem como livres e iguais, de onde a *autonomia* enquanto pré-requisito moral, leva em conta o desenvolvimento livre da personalidade de cada um na realização da liberdade de todos (Habermas, 2010). Há portanto uma ética discursiva fundada no diálogo e no consenso entre os sujeitos que são guiados por uma razão comunicativa interpessoal, havendo assim um investimento na linguagem e na capacidade de entendimento mútuo, através de valores válidos e aceites consensualmente.

O entendimento da verdade será fruto do agir comunicativo, visando-se uma verdade intersubjectiva que advém do diálogo entre os indivíduos. Rumo à razão intersubjectiva, a comunicação recíproca, dialogante, compreensiva e consensual processa-se através da linguagem e ocorre no espaço intersubjectivo onde as subjectividades (mundos de vida) se encontram e se reconhecem mutuamente como válidas. Para tal, é necessário não só o reconhecimento da identidade do objecto pressuposto (objecto propriamente dito), como dos sinais linguísticos utilizados (representação do objecto), estando estes últimos associados ao campo universal da intersubjectividade partilhada. A comunicação intersubjectiva pressupõe que exista, no espaço comunicativo, uma reciprocidade imbuída de quesitos morais capazes de instituírem igual respeito dentro das relações sociais e de permitirem o encontro psíquico no espaço intersubjectivo. O enfoque no reconhecimento do Outro e nos princípios morais (autonomia, justiça e solidariedade) que estabelecem o *espaço potencial* para a comunicação, releva da *alteridade* como condição para o encontro intersubjectivo (Habermas, 2010), da qual partimos para introduzir o prisma de Grotstein (2003) quanto à dialéctica mental entre autoctonia e alteridade, respectivamente remetidas ao pensamento primário e secundário.

1.2 Da Autoctonia à Alteridade a caminho da Posição Depressiva

Grotstein (2003) salienta a importância da obtenção da posição depressiva para a permanência e constância simbólica do objecto total que inaugura o recurso à função simbólica, permitindo a aquisição de uma dupla visão do mundo - fantasmática ou mítica e realista - assim como a transição de uma visão do mundo ciclópica (autóctone) para uma visão do mundo dualista (intersubjectiva). A partir daqui, o sujeito confronta-se com a necessidade de interacção com os outros que sabe serem sujeitos separados, com direitos próprios e não mais apenas objectos tidos como dados. Cada experiência com o Outro relembra a condição de estar separado e da impossibilidade do conhecimento último e palpável do Outro, traduzindo assim o princípio da *alteridade*.

Fazendo o paralelismo dos conceitos *autoctonia* e *alteridade* com os processos de pensamento, Grotstein (2003) realça os processos mentais *primários* e *secundários*, empregues pela mente, num esforço integrativo para registar e processar os acontecimentos da vida quotidiana, traumática e mundana. Nesta linha de pensamento, o autor associa o pensamento em processo primário a uma visão do mundo pessoal, idiossincrática, autóctone, estando o processo secundário relacionado com uma visão do mundo objectiva e interpessoal. A capacidade de confiar na nossa percepção da realidade depende da complementaridade cooperativa e integrativa da dialéctica entre o funcionamento dos processos primários e secundários. Assim, o evento psíquico será uma realidade psíquica (autoctonia, processo primário) que é transformada numa representação simbólica (intersubjectividade, processo secundário). Desta forma, a relação entre autoctonia e alteridade reflecte a dialéctica entre intra-subjectividade e inter-subjectividade, pelo que o funcionamento mental deve ser compreendido como produto de variações nos relacionamentos dialécticos (Grotstein, 2003).

1.3 Entre a Destruição Onnipotente e o Reconhecimento do Outro: Espaço Potencial

A necessidade de reconhecimento do Outro vem complementar a teoria das relações de objecto interno, ao fornecer uma nova perspectiva, agora dualista, do entendimento da relação Eu-Objecto que passa a ser vista enquanto relação Eu-Outro, dentro da qual duas subjectividades diferenciadas se encontram, reconhecem e regulam mutuamente. A tensão que ocorre no conflito entre a ligação e a separação traduz o desenvolvimento da sintonia afectiva, dando origem posteriormente a um conflito entre a assertividade do Self e o reconhecimento do Outro. À luz da teoria intersubjectiva, a solução para este conflito é a constante tensão entre o reconhecimento do Outro e a afirmação onnipotente do Self que devem exercer equivalente magnetismo no sentido de se alcançar o equilíbrio psíquico (Benjamin, 1995).

Este reconhecimento intersubjectivo começa na infância através de formas simples de troca de afectos que posteriormente evoluem para a conversação comunicativa que, por sua vez, se expande até se estabelecer como a base do funcionamento simbólico, na nossa habilidade subjectiva para perceber as intenções do outro e para confiar nas nossas próprias percepções, para nos expressarmos e para, mutuamente, validarmos as expressões e as intenções de cada um (Benjamin, 1995). Isto acrescenta à ideia da constância do objecto, a noção de reconhecer a separação enquanto algo representativo da diferenciação e da mutualidade, que abre as vias à possibilidade de usufruir do entendimento partilhado.

Dá-se o desenvolvimento da ligação intersubjectiva, cuja principal característica é o reconhecimento da similitude e da diferença da experiência psíquica interna. Do ponto de vista intersubjectivo, toda a fantasia é a negação de um outro real, pelo que entendemos o jogo constante de destruição onnipotente e de reconhecimento do Outro enquanto reflexo da dialéctica entre fantasia interna e realidade externa (Benjamin, 1995). Quando não existe um reconhecimento mútuo que regule a relação Eu-Outro, dá-se a perda do espaço intersubjectivo, de um *espaço potencial* no qual o sujeito possa construir e reconstruir as suas experiências (Benjamin, 1995).

Para explicar a forma como a actividade psicológica cria o *espaço potencial*, Ogden (1985) utiliza o conceito de *processo dialéctico*, e propõe que este esteja na base da criação da subjectividade individual e da intersubjectividade relacional. No *processo dialéctico*, dois conceitos opostos são criados, informados e preservados na negação do outro, cada um permanecendo numa relação dinâmica com o outro, e caminhando em direcção à integração que nunca se completa, já que a cada nova integração se impõe uma nova oposição dialéctica, a desintegração, e uma nova tensão dinâmica, a desintegração-integração (Ogden, 1985).

O *processo dialéctico* compreende diferentes graus de conhecimento próprio, desde a auto-reflexão intencional ao mais subtil e discreto ‘*sentido do Eu*’ (*I-ness*), lembrando sempre que o ‘*sentido do Eu*’ só se torna possível através do Outro (Ogden, 1985). O ‘*estado de dois*’ (*two-ness*) é uma qualidade da relação mãe-bebé, pelo que a obtenção da capacidade para manter uma *dialéctica psicológica* envolve a transformação da unidade em ‘*estado de três*’ (*three-ness*): o símbolo, o simbolizado e o próprio sujeito que simboliza. A diferença entre os três níveis enunciados estabelece a possibilidade de triangularidade, dentro da qual o *espaço potencial* é criado, pelo que a realidade interna só se estabelece quando o sujeito se situa num *espaço potencial* entre o mundo interno e o mundo externo, num espaço que está a meio caminho entre o objectivo e o subjectivo, o Eu e o não-Eu (Ogden, 1985).

Ogden (1985) propõe que o *espaço potencial* possa ser entendido como um estado mental baseado numa série de relações dialécticas entre união e separação, interno e externo, fantasia e realidade, Eu e não-Eu, símbolo e simbolizado, sendo que cada pólo da dialéctica cria, dá forma e nega o Outro, existindo apenas como uma possibilidade hipotética sem o Outro. O *espaço potencial* é assim uma série de paradoxos entre internalidade e externalidade que devem ser mantidos.

Neste sentido, a função simbólica será uma consequência directa da capacidade para manter dialécticas mentais num terceiro espaço intersubjectivo entre o símbolo e o simbolizado que fornece as condições propícias ao encontro intersubjectivo. Na ausência deste *espaço potencial*, o Outro torna-se o objecto temido mas tentador, já que o sujeito e o objecto acabam por se misturar, sobrecarregados e anulados, pela destruição onnipotente, no momento em que aquele objecto é tido como ‘*a coisa em si mesma*’ (Ogden, 1985).

1.4 A Rêverie no Espaço Potencial Intersubjectivo

Winnicott (1971), citado por Benjamin (1995), defende que é apenas ao ser criativo que o indivíduo descobre o Self e, ainda, que para viver criativamente o indivíduo tem que continuar a ser capaz de descobrir a sua própria realidade interna, através de um forma pessoal de experienciar a realidade externa. O *espaço transitivo* (Winnicott, 1970, cit. in Benjamin, 1995) ou *espaço potencial* (Ogden, 1985) faz emergir o conhecimento, agora plenamente entendido como produto de subjectividades e, não, como resultado objectivado de processos de apreensão alheios à envolvimento participante do sujeito de conhecimento com o seu objecto de conhecimento (Benjamin, 1995).

A criação do *espaço transitivo* dentro da relação mãe-criança é uma dimensão importante da intersubjectividade, concomitante ao mútuo entendimento, surgindo aquando da interacção comunicativa, contexto relacional de troca recíproca no qual a mãe pode surgir não só enquanto fantasia da criança mas também como um Outro sujeito que não põe em causa a sua subjectividade (Benjamin, 1995). Daí que se faz ressaltar a noção de *rêverie* como um espaço criativo em que as subjectividades se entrecruzam, favorecendo o reconhecimento mútuo. Assim, a *função de rêverie*, ao acentuar a relação entre a qualidade do sonho e do espaço do sonho com a do espaço onírico que liga o sonhador ao analista, permite acrescentar, nessa relação, uma reflexão imaginária que gera novas ligações e integrações (Martins, 2005).

No processo analítico, entende-se que o esforço para partilhar os conteúdos da fantasia vai transformando o estado da fantasia em si mesma, na medida em que esta é movida da realidade interna para a comunicação intersubjectiva (Benjamin, 1995). O objecto da fantasia e o Outro externo utilizável que existe como destinatário da comunicação, complementam-se mutuamente. Aqui, há um balanço entre as dimensões intrapsíquicas e intersubjectivas, ou seja, uma tensão que é segurada ou um rápido movimento entre a forma como o paciente experiencia o analista, ora enquanto material interno, ora como um outro externo e reconhecível (Benjamin, 1995).

Esta suspensão do conflito entre as duas experiências reflecte o estabelecimento bem-sucedido de um *espaço potencial*, no qual o Outro analista tanto pode ser ignorado como reconhecido. A experiência do *espaço potencial* que permite, tanto a exploração criativa dentro da onipotência, como o reconhecimento de um Outro entendível, traduz o lado terapêutico da relação analítica (Benjamin, 1995).

É neste sentido que, a respeito da intersubjectividade dialéctica de Ogden (1985), Grotstein (2003) assegura que o Self subjectivo do analisando é renovado pelas repetições contínuas e mutantes em interacção com a subjectividade do analista, já que cada um modifica e define a subjectividade em constante mutação do Outro (Grotstein, 2003). A comunicação, através desta viagem que entrelaça os mundos, assiste à expressão das subjectividades que se encontram na criação de um novo significado e a capacidade de *rêverie* convoca aqui a compreensão intuitiva do analista (Martins, 2005).

Este processo imaginário, aparentado a uma espécie de deambulação onírica, institui o que Meltzer (1984), em relação ao sonho, designa como “*o teatro que gera o sentido*” (Meltzer, 1984, cit. por Martins, 2005). Compreensão mais nítida quanto mais tolerante e permeável ao desconhecido. Meltzer (1984) percepçiona o sonho como “*uma forma de pensamento inconsciente que o coloca no centro do processo de pensarmos sobre o significado das nossas experiências emocionais*” (Meltzer, 1984, cit. por Martins, 2005).

Enquanto compreensão constitutiva do que Bion (1991) designou por “função α ”, trata-se de um processo de elaboração da vivência emocional que digere a experiência e nutre o pensamento (Martins, 2005). O analista, imerso num estado de *rêverie* do tipo meditativo, por abandono da memória, desejo, compreensão, juízo de valor e dados sensoriais em geral, detecta o facto seleccionado que dá coerência aos “*pensamentos sem pensador*” da experiência inconsciente do analisando (Grotstein, 2003). Através deste estado de imersão sempre alerta, o analista torna-se hábil para sintonizar os seus próprios sentimentos internos e cenários emocionais que correspondem ou combinam com os proto-sentimentos do paciente, experimentando-os por meio de ressonância (Grotstein, 2003).

Este processo de acolhimento empático e formulação interpretativa assenta num *espaço potencial*, área de ilusão onde o real e o imaginário, com tudo o que a um basta e a outro sobeja, convivem de mãos dadas (Martins, 2005).

A interpretação na comunicação analítica move-se neste universo de diálogos de emanção idiossincrática, já que provenientes de ressonâncias íntimas, porém construtores de uma matriz de onde procederá a integração e de pontes relacionais resultantes de um teatro interno constituinte do discurso partilhado criador, que vai entrelaçando realidade e fantasia e a ambas permitindo a sua reformulação, acréscimo e enriquecimento (Martins, 2005).

1.5 A Identificação Projectiva enquanto meio de comunicação *Intersubjectivo*

Bion (1957) desenvolve a noção de identificação projectiva explicitando-a no seio do modelo continente-conteúdo, no qual este mecanismo será compreendido como um apelo, um instrumento comunicativo que clama pela significação continente que acolhe os conteúdos intoleráveis, recebendo-os num receptor continente capaz de modificar tais projecções, de modo a que os conteúdos já transformados (pelo outro) possam novamente ser recuperados e apreendidos pelo sujeito de forma menos penosa (Bion, 1957).

A partir de um intercâmbio contínuo entre continente e conteúdo, é feita a introjecção da *função alfa*, com a participação da *capacidade de rêverie*, que é explicitada por Bion (1961) como a capacidade de sonhar o Outro, como a receptividade e a ressonância emocional que possibilitam o pensar e a internalização do bom objecto, essencial para adquirir segurança e auto-regulação, assim como para evoluir da posição esquizo-paranoide para a *posição depressiva* (Bion, 1961).

A *rêverie* reflecte portanto um tipo especial de sensibilidade ao Outro, assente numa capacidade de compreensão suficientemente boa capaz de suportar as projecções, recebe-las, contê-las, discriminá-las e agir apropriadamente (Grotstein, 2003). Esta inter-relação continente-conteúdo, na introjecção da *função alfa* e com o auxílio da *capacidade de rêverie*, pode assim ser compreendida como *par pensante* na medida em que estabelece a identificação projectiva como processo comunicativo que gera pensamento e crescimento (Grotstein, 1985).

À medida que ocorre a introjecção da *função alfa*, pela continuidade de elementos significados que se envolvem internamente, forma-se a *barreira de contacto* (Symington & Symington, 1999), sendo esta dotada de uma semi-permeabilidade de uma sensibilidade entre o mundo interno e o mundo externo, inconsciente e consciente, entre o Eu e o Outro, pois ao mesmo tempo que delimita e separa, possibilita a comunicação entre o dentro e o fora, isto é, impede que haja uma invasão massiva dos fenómenos mentais inconscientes nos conscientes e vice-versa pelo intercâmbio que poderá existir e “*é enquanto esta membrana está a ser produzida que existe uma correlação em curso dos elementos conscientes e inconscientes, os quais após abstracção resultam em compreensão da experiência emocional*” (Symington & Symington, 1999). Desta forma, a relação continente-conteúdo participa na organização da mente e do espaço mental em expansão, primeiro na relação precoce mãe-bebé e depois na introjecção da *função alfa* que é depois colocada à disposição do sujeito, assim como na concomitante introjecção do modelo continente-conteúdo (Bion, 1961).

Vemos assim que esta relação não só apoia a introjecção da *função alfa* como também está presente na união de uma pré-concepção a uma impressão sensorial que leva à criação de uma concepção, pela apreensão de um conceito, ou seja, participa na passagem de elementos sensoriais sem-nome nem abrigo (elementos beta) a elementos que, uma vez nomeados e contidos (elementos alfa), tornam-se pensáveis e aptos à sua livre utilização, sendo visto como um modelo de transformação desintoxicante das angústias primárias (Bion, 1961).

1.6 A Identificação Projectiva enquanto *Terceiro Intersubjectivo*

A identificação projectiva deve ser tida como um processo intersubjectivo de leitura da inter-relação entre o real interno e o real externo, entre o Eu e o Outro, na medida em que se contextualiza pela noção de encontro entre um Eu e um Outro, pelo que este encontro ocorre na extensão dialéctica entre aquilo que a dois pertence no mesmo projectado num *terceiro intersubjectivo*, e aquilo que a dois separados pertence individualmente num mesmo caminho de descoberta e criação mútua (Ogden, 1994). As modalidades de intra-comunicação e inter-comunicação especificam o tipo de relação intersubjectiva que é estabelecida entre o Eu e o Outro, através do uso e da qualidade da identificação projectiva que, na base da comunicação, permite o pensar e o conhecer, sustentado na sua definição relacional continente-conteúdo (Ogden, 1994).

Sabemos que a identificação projectiva defensiva e/ou patológica se distingue da identificação projectiva empática, não só mas também, pelo nível de estruturação e amadurecimento do Ego, pelo adquirir, ou não, da posição depressiva, pela utilização, ou não, do símbolo na sua função de restauração e, por conseguinte, pelo pensar e conhecer como evolução, adaptação e desenvolvimento (Sandler, 1989).

Ogden (1994) vem descrever a identificação projectiva através da intersubjectividade implícita no processo inter-relacional entre um Eu e um Outro, entre receptor e projector, afirmando que o grau de patologia associada à experiência de identificação projectiva não se mede pelo grau de coercividade envolto na fantasia inconsciente de subjugação, mas ressaltando que a patologia na identificação projectiva é um reflexo da inabilidade dos participantes para se libertarem um ao outro, ou um do outro, da subjugação por um terceiro, através do acto de conhecimento da sua própria unicidade e individualidade separada deste Outro. A distinção essencial entre identificação projectiva patológica e empática reside, na concepção de relação Eu-Outro, tanto no respeito pelo Outro enquanto sujeito separado e desconhecido, como na noção vivenciada pelo próprio, de ser e estar separado e distinto, em si mesmo (Ogden, 1994).

Destaca-se assim uma definição diferenciadora na e da relação sujeito/objecto, mundo interno/mundo externo, eu/outro, ou seja, os limites inter-delineados, a expressão do conteúdo projectado e a expressão do continente assim como a angústia que lhe está associada que irá condicionar a natureza da identificação projectiva. A identificação projectiva será assim um jogo entre o aproximar e o afastar, entre o ligar, unir e o desligar e separar que ocorrem em movimentos dialécticos entre o interno e o externo (Grotstein, 1985).

As noções de continente e conteúdo guardam em si a caracterização de identificação projectiva, bem como a definição de comunicação entre sujeito e objecto na sua interligação e significação, se olharmos a identificação projectiva como uma tentativa de conhecimento e entendimento da e na relação interpessoal, da e na ligação entre o Eu e o Outro, entre mundo interno e mundo externo ao longo da sua interacção e intersecção. Desta forma e, numa conceptualização da identificação projectiva enquanto motor da relação continente-conteúdo, Grotstein (1985) refere que não pode haver identificação projectiva no vazio, sendo necessária a presença de um objecto dotado de profundidade, capaz de conter a projecção, para que ocorra significação, o que se liga directamente ao distintivo do continente (Grotstein, 1985).

Pensamos que, através da conceptualização do *terceiro intersubjectivo* (Ogden, 1994), se possa abordar a identificação projectiva empática na relação interpessoal, a partir da dialéctica estabelecida entre no espaço triangular entre intersubjectividade e subjectividades e da perspectiva de Ogden (1994) sobre o mecanismo da identificação projectiva. Ogden (1994) propõe-nos que a identificação projectiva seja vista como uma qualidade da experiência intersubjectiva que, não ocorrendo de uma forma isolada do resto da vida emocional, tanto serve de pano de fundo à experiência psíquica como toma lugar de destaque (Ogden, 1994).

Tida como uma dimensão de toda a intersubjectividade, a identificação projectiva permite ao ser humano estabelecer construções intersubjectivas, de forma a descobrir uma saída, uma resposta ao sem fim de imaginações do seu mundo interno. Assim, pelo olhar de Ogden (1994), reconstrói-se toda uma maneira de repensar a identificação projectiva como um mecanismo que alia inconscientemente duas subjectividades, nas respectivas projecções dos seus elementos que se encontram no espaço da intersubjectividade partilhada, com o propósito de escapar ao solipsismo das suas próprias existências individuais. A identificação projectiva comporta assim um paradoxo, já que os sujeitos envolvem-se de uma forma inconsciente, subjugando-se a si mesmos numa mutualidade que gera um terceiro, o sujeito da identificação projectiva, com o propósito de transcenderem os próprios limites (Ogden, 1994).

Ogden (1994) vem abordar a identificação projectiva entre receptor e projector, ao afirmar que ambos são simultaneamente anulados e revitalizados no processo inter-relacional, uma vez que é criada uma nova entidade intersubjectiva. Aqui, entende-se que o projector inicia um processo de negação de si mesmo como um Eu separado e, desta forma, torna-se num Outro para si-mesmo, num momento de fusão com o Outro. Assim, o Outro (receptor da identificação projectiva) passa a ser o Eu (projector) até à extensão em que o Eu necessita do Outro para experienciar, através dele, aquilo que não consegue experienciar em si-mesmo ou, ainda, o Outro não será ele próprio na extensão em que o Eu necessita deste Outro para retirar uma parte de si e, em fantasia, esconder-se a/de si-mesmo (Ogden, 1994). Neste sentido, uma das facetas interpessoais da identificação projectiva envolve a transformação do receptor por parte do projector, e vice-versa, pelo que tanto receptor como projector vivenciam ambas as subjectividades (o Eu e o Outro) na criação do terceiro sujeito da identificação projectiva (conjunto e a meio), já que cada um é aqui negado pelo outro e novamente recriado numa tensão dialéctica única gerada por ambos (Ogden, 1994).

No contexto analítico, a identificação projectiva envolve o colapso parcial do movimento dialéctico entre a intersubjectividade e as subjectividades, resultando na subjugação das subjectividades individuais do analista e do analisando. Ambos são abafados mas também revitalizados, já que a nova entidade criada, o terceiro analítico subjogado (Ogden, 1994), torna-se um veículo através do qual os pensamentos podem ser pensados, os sentimentos são sentidos e as sensações são experienciadas. O sucesso deste processo comunicativo é passível de se constituir na reapropriação, re-significação e recriação das subjectividades, pelos participantes como sujeitos separados, individuais e interdependentes. Parece-nos assim que, num processo complexo e duplo a ocorrer na relação continente-conteúdo, a identificação projectiva visa a recriação da relação intersubjectiva e das subjectividades individuais (Ogden, 1994).

Neste sentido de dialéctica intersubjectiva, Grotstein (2003) apela à transidentificação projectiva como projecção que ocorre no âmbito do terceiro (Ogden, 1994), caracterizando a relação dinâmica entre Eu e Outro num balanceamento entre opostos que se equilibram, entre Eu e não-Eu, sendo a tónica colocada na dinamização de identificações projectivas cruzadas num processo duplo para cada um dos sujeitos, numa dialéctica continente-conteúdo, suportada pela intersubjectividade que mobiliza a recriação conjunta num jogo mútuo de ligação, união, transformação, cisão, desligação e integração, contida num micro-processo de separação-indivuação renovado em si-mesmo e no Outro (Grotstein, 2003).

A identificação projectiva na sua vertente comunicativa apela à noção de continente, entendido como uma malha emocional que filtra, depura e modifica o conteúdo, dando-lhe sentido, significação e coerência, o que na relação expressa entre Eu e Outro, compreendemos como a curiosidade sobre si, sobre o Outro, sobre o mundo interno e sobre o mundo externo, no desejo de pesquisar, no explorar e na vontade de encontrar o Eu, o Outro, o mundo e as relações Eu-Outro, na busca pelo desconhecido que procura se desenvolver e envolver, no devolver entre aquilo que é e/ou não é (Marques, 1994a). A identificação projectiva é tida como processo de comunicação alicerçado na fusão entre o sujeito e o objecto, que desdobra a recriação pela diferenciação, ou não, de um novo sujeito, um novo objecto, pela dialéctica entre opostos que se complementam numa dupla combinação de inter-relações entre a ligação e a desligação, entre a desintegração e a integração, entre sujeito e objecto, entre mundo interno e mundo externo, partindo do caos num caminho integrante à ordenação, accionando transformações pelo reconhecer das constantes ligações e desligações entre vários elementos do objecto, em processo contínuo de ser em desenvolvimento e evolução (Marques, 1994a).

1.7 A Identificação Projectiva na Dimensionalidade Psíquica

Na descrição das experiências do espaço psíquico interior, Grotstein (2003) explicita as diferentes facetas da dimensionalidade psíquica através das quais nos é possível dar algum relevo à identificação projectiva na sua evolução, como expressão da evolução do sujeito relativamente às características da posição esquizo-paranóide e da posição depressiva, dentro das quais se inscrevem as várias modalidades relacionais continente-conteúdo (Grotstein, 2003). Daí que entendemos a identificação projectiva como um fenómeno que ocorre tanto na primeira, como na segunda e na terceira dimensão psíquica. Ao nível da primeira dimensão ou da *unidimensionalidade psíquica*, a identificação projectiva reflecte a confusão entre o interno e o externo, o Eu e o Outro, que faz predominar a concretude do pensamento na busca de um continente que tranquilize e seleccione o tempo que é sentido como ‘intensamente específico’ e polarizado e que seja capaz de conter um espaço sentido como universal (Grotstein, 2003). A unidimensionalidade é portanto característica da posição esquizo-paranóide, na qual predomina uma visão ciclópica do mundo pela fusão de dois.

Na segunda dimensão ou *bidimensionalidade psíquica*, a identificação projectiva refere-se principalmente à diferenciação e separação entre o Eu e o Outro, embora de uma forma superficial ou de superfície, não sendo considerada a profundidade do Eu nem do Outro, já que esta é experienciada no limite que é sentido como catástrofe (Grotstein, 2003). A *bidimensionalidade psíquica*, segundo Grotstein (2003), assume a operacionalização de formatação necessária para a *tridimensionalidade psíquica*, com a criação do espaço de significado, o que no limiar da separação existe, também sentido como limite. Será aqui que a pele e/ou *barreira de contacto* é construída, permitindo agora o mergulho na profundidade do Eu e do Outro, pela aquisição da tolerância ao infinito e ao desconhecido, e pela elasticidade da significação das emoções, num bailar psíquico que se movimenta entre a fantasia e a realidade, e que transpõe o sujeito para a intersubjectividade (Grotstein, 2003).

Finalmente, na terceira dimensão ou na *tridimensionalidade*, a identificação projectiva assume a sua vertente empática, já que o espaço continente da mente alcança os objectos em e na sua profundidade, dado que se encontram no domínio da sua representatividade (Grotstein, 1978), perante a aquisição de um espaço e de diferentes tempos, admitidos pelo pensar assimétrico que impõe a noção de ordem. Pelas suas características, entendemos que a *tridimensionalidade* caracteriza a *posição depressiva* e as relações nas quais o temor ao desconhecido e à incerteza não constitui impasse na evolução (Grotstein, 2003).

2. Objectivo do Estudo

A título de síntese e após concluída a revisão da literatura, constatamos que os autores referenciados colocam, de forma consonante, a relação intersubjectiva enquanto dialéctica entre pólos opostos, pelo que a construção criativa inerente à simbolização e à transformação, ocorreria quando ambos os pólos são passíveis de ser integrados, mutuamente regulados e reciprocamente interligados, num compromisso harmonioso que autoriza a conciliação de ambos na comunicação mútua.

Já em Habermas (2010) podemos identificar a emergência dos conceitos que mais tarde erigem o encontro intersubjectivo enquanto dialéctica entre mundo interno/fantasia e mundo externo/realidade, já que o autor salienta que o mundo social ou intersubjectivo ou, mais precisamente o *mundo de vida* ou *Lebenwelt*, como mediador do espaço comunicativo intersubjectivo, o que nos permite associá-lo ao *espaço potencial* pelas suas características diferenciadoras e comunicativas dotadas da ressonância emocional e da receptividade que favorecem o entendimento mútuo e a troca recíproca entre subjectividades, no espaço que se situa entre o mundo *subjectivo* (interno/fantasia) e o mundo *objectivo* (externo/realidade). À semelhança de Grotstein (2003) que coloca a dialéctica intersubjectivo entre a *autoctonia* e a *alteridade*, também Benjamin (1995) realça a necessidade da eterna manutenção da tensão dialéctica entre a *destruição omnipotente* e o *reconhecimento intersubjectivo*, e ainda, no mesmo sentido, Ogden (1994) consagra a noção de *processo dialéctico* que se desenrola na manutenção dialéctica harmoniosa entre os pólos da *fantasia* e da *realidade*.

Na acepção que propomos para este estudo, o *encontro intersubjectivo* será portanto tido como um processo psíquico dialéctico criativo que se manifesta, através da acção da identificação projectiva, num movimento interactivo entre o mundo interno e o mundo externo, entre a fantasia e a realidade, entre a projecção e a percepção. A intersubjectividade institui a necessidade de manutenção das dialécticas mentais, na presença de um *espaço potencial* que, de acordo com Ogden (1994), capaz de mediar e conciliar ambos os pólos, enriquecendo-os mutuamente. É fundamental, nesta dialéctica intersubjectiva, a *capacidade de rêverie* que, ao estabelecer a *ressonância emocional* do mundo interno subjectivo e a *receptividade* ao mundo externo, permite um processo de recriação mútua entre ambos os pólos da dialéctica psíquica.

Desta forma, entendemos que a dialéctica mental é mantida na sua dupla vertente de simultânea diferenciação e ligação entre o mundo interno e o mundo externo, criando assim as condições propícias ao encontro, que se realizará ao nível do *terceiro intersubjectivo*, uma terceira dimensão mental que agrega elementos comuns aos dois pólos da dialéctica, dando lugar ao contacto intersubjectivo profundo e criativo.

Iremos assim avaliar a qualidade do encontro entre subjectividades e as possibilidades relacionais ao nível da patologia limite, na sua vertente lábil, por sabermos que esta patologia, nas suas características psicopatológicas, poderá condicionar o contacto intersubjectivo. Para tal, propomos distanciarmo-nos de um olhar centrado na vertente psicopatológica, destacando as possibilidades relacionais que se poderão desenhar no encontro intersubjectivo.

Recrutaremos o método Rorschach enquanto instrumento mediador intersubjectivo, para estabelecer os elementos específicos da organização limite, com vista à interpretação das suas significações, nomeadamente, no que concerne às qualidades singulares da representação de si (na porosidade dos limites) e das representações de relações (na dependência e não-diferenciação), à organização dos afectos e, finalmente, na dialéctica das representações e dos afectos. Sob um novo prisma, faremos emergir o mais essencial destas expressões que a psicopatologia destacou, mas sobretudo, importa revelar e sublinhar as características que marcam e coloram de singularidade e originalidade, as formas e possibilidades de ver(-se) e dizer(-se) de um sujeito.

Apostaremos em traçar uma viagem, nas palavras de Marques (2001), *‘para além dos contornos gélidos do que nas designações da psicopatologia se imobiliza, levando-nos para uma poética que sempre existe em cada sujeito e em nós mesmos, também captadores de sentidos-vivências, também alimentados pelo nosso sonho, mais do que designadores-juizes assépticos e desalojadores do belo que algures se abriga’* (Marques, 2001, in Chabert, 2000) eis a razão pela qual elaborámos este estudo.

3. Tipo de Estudo

A Psicologia Clínica face ao seu objecto de estudo, o sujeito psicológico, deve estabelecer e estabilizar as concepções e modelos que deverão fundar os métodos para aceder a esse mesmo objecto, singular e único, na sua complexidade e totalidade. “A essência de um ser ou de um fenómeno (...) está no mais «insignificante», no «esquecido» ou «escondido», no «transitório» e «mutável» (...) aceder a esse domínio impõe o recurso aos *modelos que usam a significação e o sentido, que se fundam, também, na consensualidade, comunicação, construção e transformação*”. (Marques, 1999, p.99).

É nos métodos qualitativos que encontramos a produção de conhecimento, a criação de teoria sobre a realidade da subjectividade humana (Gonzalez-Rey, 2002). A investigação qualitativa constitui-se como um processo irregular e diferenciado que se ramifica à medida que o objecto de estudo se revela e expressa em toda a sua riqueza e complexidade, através da lógica indutiva de atribuição de sentidos por via da interpretação. É nesta forma de proceder em investigação que se inscreve o presente estudo.

Esta metodologia assenta fundamentalmente em três princípios: o conhecimento resulta de um processo de construção interpretativo de atribuição de sentido à expressão do objecto de estudo, através da qual o investigador integra, reconstrói e apresenta os diversos indicadores obtidos no decurso da investigação; o processo de construção é relacional, na medida em que a relação investigador-sujeito é condição para o desenvolvimento da investigação; a significação da singularidade é o nível legítimo da produção do conhecimento, há um resgate do individual, do singular, da significação do subjectivo (Gonzalez-Rey, 2002).

Neste sentido, a única maneira de se usar a comparação com um grupo de referência deverá passar obrigatoriamente pela concepção de cada indivíduo enquanto possuidor de uma essência própria e sempre singular que se expressa e revela em função dos diversos contextos e relações, tomando várias formas e significações. As formas e conteúdos dessas expressões dependem sempre de uma lógica interna que subordina e gera as trocas, a comunicação e as mudanças, e transformações com o exterior (Marques, 1999). É através da metodologia projectiva que a Psicologia Clínica encontra as melhores formas de aproximação, articulação, integração e coerência entre as concepções teóricas e os métodos de abordagem, descrição e compreensão do seu objecto de estudo, através de instrumentos que facilitam a expressão do objecto de estudo da Psicologia clínica na sua complexidade e singularidade (Marques, 1999).

4. O Instrumento Rorschach

Hermann Rorschach concebe o Rorschach em 1920 como instrumento ao serviço do estabelecimento do diagnóstico psicológico, tanto na criança como no adolescente e no adulto, ligado à clínica psicopatológica. O autor considerava o instrumento Rorschach como um aliado do psicanalista tanto na determinação do diagnóstico como do prognóstico de análise. Na sua concepção H. Rorschach vê o instrumento como uma prova de percepção que faz intervir um processo que combina a sensação, a memória e a actividade associativa, que através de um complexo de sensações dá lugar à ideia, à resposta Rorschach (Marques, 1999).

O processo de resposta Rorschach implica um conjunto de processos mentais que operam num *espaço mental alargado*, pelo que a construção, criação e expressão de imagens no Rorschach permite ter acesso, ao mesmo tempo, à natureza do objecto interno e às características das suas ligações e transformações, e às suas ligações e transformações com o objecto externo (Marques, 1999). Na prova Rorschach, procura-se dar sentido a actos ou pensamentos e ir além da exuberância do que se revela e expressa, para o que se impõe olhá-la enquanto processo determinado subjectivamente. Captar um objecto na sua subjectividade é deixar que a nossa subjectividade intervenha na função de conter, dar e recriar sentidos.

A possibilidade de captar o nosso objecto de estudo só pode então operar num espaço e tempo criados e recriados por dois parceiros, implicados ambos subjectivamente numa interacção que só o contexto e os saberes respectivos limitam e delimitam, num espaço e tempo que recria a *intersubjectividade*. É este o processo que conduz a que, através das verbalizações que se produzem e que deverão trazer a marca dos dois mundos separados e ligados, se produza um novo objecto, isto é, um objecto recriado, já que exhibe características mistas desses dois mundos, sem que haja confusão entre ambos ou dominância de um sobre o outro (Marques, 1999). Dar sentido e significação à mancha Rorschach, lembrando que tais elementos têm semelhanças psíquicas com a marca da disruptividade que colocam o processo projectivo ao nível da *mudança catastrófica*, ocorre na identificação projectiva que estabelece o lugar de encontro, comunicação e conciliação, de união e integração interno-externo, sujeito-objecto, conduzindo a novas significações, pelas novas relações continente-conteúdo que resultam no *novo objecto*, conceito-símbolo que restaura o *caos* (Marques, 1999).

A angústia específica que o Rorschach induz é a de perda de forma, que equivale, ao nível do inconsciente, à angústia de perda do objecto. No Rorschach, há assim o imperativo de dar uma estrutura a estímulos que não a têm, pelo que as manchas se articulam entre a cor, o sombreado e a forma, devendo-se fazer destacar uma figura e um fundo (Marques, 1999). O material Rorschach representa portanto uma situação disruptiva de ‘caos’ (Loosli-Usteri, 1958/1965), de *perda de objecto* (Baer, 1950), carregada de solicitações paradoxais conflituais, e explicitada nas relações entre conteúdo manifesto e conteúdo latente, situação que impõe uma tarefa de carácter onírico (Baer, 1950), na qual participam inconsciente e consciente, processo primário e secundário (Schafer, 1954, cit. Por Marques, 1999).

Consideramos portanto o processo-resposta Rorschach como um trabalho de ligação, transformação e criação entre interno e externo, subordinado pela relação intersubjectiva. A resposta Rorschach será um *novo objecto*, nascido da confrontação-ligação e separação entre objecto interno e externo, que impõe um trabalho de transformação, de construção e de comunicação de um sentido, submetido ao contexto situacional e relacional, no qual as respostas são solicitadas, emergem, são criadas e comunicadas. O trabalho mental aqui envolvido revela a natureza dos objectos internos mobilizados pelos objectos externos, a natureza dos processos de união, integração e recriação de uns por outros e, portanto, a própria natureza do sujeito, do Eu e das suas relações de/com o objecto. A resposta Rorschach, enquanto imagem-conceito-símbolo, terá a marca das possibilidades de contacto, empatia, comunicação e relação. A interpretação da mancha Rorschach revela assim o contacto e envolvimento, a proximidade e a distância entre Eu-Outro, interno-externo, sujeito-objecto, e a resposta Rorschach é fruto de uma recriação que se impôs no confronto entre conhecido e desconhecido, entre o que é *continente* e o que é *conteúdo* (Marques, 1999).

Na situação Rorschach, impõe-se a mudança psíquica que visa restaurar o equilíbrio, através do estabelecimento de novos significados, fundados e inscritos na intersubjectividade e em novas relações continente-conteúdo. O processo-resposta Rorschach pode ser concebido através da noção de projecção, tomada no seu sentido mais abrangente que entretanto foi estabelecido, no qual está contida também a acepção de identificação projectiva. Será então através da identificação projectiva que podemos entender o processo de dar um sentido, um significado a uma mancha, processo que requer uma base de empatia e de comunicação entre sujeito e objecto. Tal sentido é determinado subjectivamente, através das passagens que vão da dispersão à integração, da deformação à coloração, da falha ao símbolo, da desligação à ligação e da transformação à criação e à simbolização (Marques, 1999).

Segal (cit. in Marques, 1999) formula a capacidade de simbolizar ligada à reparação simbólica e mental, fazendo-a depender da elaboração da posição depressiva. Considera que a formação de símbolos deve ser encarada na relação que o sujeito estabelece com os objectos, para diminuir a culpa e integrar as ansiedades primárias de medo dos maus objectos e de medo da perda ou da inacessibilidade dos bons objectos. O simbolismo seria então “*uma relação tríplice: símbolo, objecto que ele simboliza e a pessoa para quem o símbolo é símbolo de objecto*” (Segal, 1991/1993, p.52, cit in Marques, 1999). Considera que “*as primeiras projecções e identificações constituem o iniciar da formação de símbolos*” (Segal, 1957, cit. in Marques, 1999), sendo este “*um processo contínuo de união e de integração do interno com o externo, do sujeito com o objecto, da experiência anterior com a posterior*”.

As perspectivas de Bion têm outros contornos, mesmo que usando os mesmos pontos de partida. Bion estabelece uma ligação entre a formação de símbolo e o pensar, ao considerar que a função de formação de símbolo é designada como *função alfa*, aquela que permite a construção de pensamentos oníricos e a transformação destes em linguagem. É partindo das diferenças entre o que Bion considera as formas normais e patológicas da identificação projectiva, e do princípio de que a mente actua em movimentos que vão da desordem para a ordem, da dispersão à integração, que o autor afirma ser o sujeito, com a ajuda dos objectos internos e primários, enquanto procura ligar a experiência emocional através da *função alfa*, que cria os símbolos (Bion, 1967/1983, cit. por Marques, 1999). Perante uma experiência de caos e, via *identificação projectiva* que leva a que a parte projectada seja modificada pela acção continente, fundada na *capacidade de rêverie*, inauguram-se novas relações continente-conteúdo e o sujeito tornar-se apto a transformar a experiência em elementos alfa, insaturados, abertos à realização e transformação, por oposição aos elementos beta (Marques, 1999).

Os símbolos são então criados pelo sujeito através da passagem da desordem para o pensamento, numa lógica suportada pela substituição, pela condensação e pela identificação projectiva. Mas objecto e realidade são apreendidos num processo determinado internamente, pelo que a criação de símbolos se sustenta em processos de identificação, de comunicação, de ligação, de união e integração, feitos de encontro e intimidade entre o sujeito e o objecto, e dá conta do trabalho psíquico de recriação que o sujeito realiza sobre o objecto, trabalho este que se realiza no balanceamento entre verdade e não-verdade (Marques, 1999).

Na criação de um novo objecto, de um símbolo, torna-se patente uma actividade feita de encontro, comunicação e intimidade entre o dentro e o fora, entre o passado e o presente, que revela o nível de separação, mas também de ligação e de transformação entre o objecto interno e o objecto externo, objectos separados e ligados pela ‘*barreira de contacto*’, noção próxima do que se refere Bion (1962/1979), que a tem como “...*um ponto de contacto entre o consciente e o inconsciente e a passagem selectiva de um plano a outro...É a natureza da barreira de contacto que determinará a transposição dos elementos do consciente para o inconsciente e vice-versa*” (Marques, 1999).

Na situação Rorschach, é estabelecida então uma experiência transformadora que se estrutura num código de significação que flui no tempo e no espaço internos, inscrevendo-se, revelando-se e fundando o processo-resposta Rorschach. O *espaço mental interno* que tem a capacidade de conter, ligar, transformar, unificar e integrar, reflecte-se no trabalho de relação, comunicação e ligação implicado no processo-resposta Rorschach, na medida em que a construção de imagens, sentidos e símbolos opera na similitude e na diferenciação entre o que caracteriza o interno e o externo. Assim, concebemos existir uma assimilação e comunicação obrigatória entre espaço mental interno e espaço mental externo, sendo esta uma assimilação e comunicação estabelecida, sustentada e revelada via identificação projectiva (Marques, 1999).

5. O Material

Para concretizar o tipo de estudo anteriormente referenciado, procedemos à análise de um protocolo Rorschach, de um paciente limite, Cyril de 20 anos, tendo este sido retirado do livro *‘A Psicopatologia à Prova no Rorschach’*, da autoria de Catherine Chabert (2000). Optámos pela análise do dito protocolo e, não, pela realização de uma avaliação Rorschach específica para esta investigação, pelo facto de o propósito da mesma visar a análise de um paciente limite, no que toca ao tipo e qualidade dos seus modos relacionais intersubjectivos. Dentro da categoria limite, optámos ainda por um protocolo enquadrado numa vertente mais lábil, em contraponto com um outro de tipo inibido, exactamente pela riqueza associativa que favorece o aumento do número de respostas e que, desta forma, cria um terreno fértil de análise para o propósito do estudo.

6. Procedimentos de Análise no Rorschach

Espaço Potencial

O *Espaço Potencial* é uma zona intermediária entre a realidade psíquica, pessoal e interna, e a realidade externa ou compartilhada, sendo portanto um espaço que se situa entre a projecção/fantasia e a percepção/realidade, entre a representação do Eu e a representação do Outro (Grotstein, 2003), sendo representado por uma série de paradoxos mentais simultâneos que devem ser mantidos (Ogden, 1985). Assim, o *espaço potencial* implica a diferenciação e a ligação entre subjectividades que serão asseguradas pela *barreira de contacto*, assim como pela *função alfa* que permite integrar os dois pólos da dialéctica, através da contenção devida.

- Barreira de contacto

É definida enquanto estrutura psíquica delimitadora entre o mundo interno e o mundo externo e dotada de uma semi-permeabilidade, de uma sensibilidade, pois ao mesmo tempo que delimita e separa, possibilita a comunicação entre o dentro e o fora, isto é, impede que haja uma sobrecarga de elementos pulsionais e uma interpenetração entre os pólos mentais. Com a integração da experiência no funcionamento psíquico resultam novos objectos e objectivos que vão impor a renovação da *barreira de contacto*, sendo a partir da renovação desta estrutura que ocorre a ligação, comunicação e ajustamento entre o mundo interno e externo, permitindo a coesão mental na ligação, união e integração do antigo e do novo. Experiências actuais ligam-se a antigas e cria-se a continuidade que preserva a coesão mental.

Relativamente aos **modos de apreensão**, os procedimentos de análise que dão conta da existência de um continente bem delimitado, estável e com barreiras flexíveis e permeáveis, sugere a existência de um espaço psíquico cuja *barreira de contacto* permite a separação e comunicação entre interno e externo, entre sujeito e objecto, permitindo a criação e recriação de objectos pela actualização desta estrutura. Assim, a existência de respostas **G F+** e **D F+** testemunha a delimitação e integridade de um continente capaz de conter e transformar os conteúdos sem perder o controlo das percepções (Chabert, 2003), e evidencia a operacionalidade da barreira de contacto. Ao nível dos **determinantes**, **F%** e **F+%** dentro dos valores de referência atestam a permeabilidade do funcionamento mental, na presença de um continente com barreiras flexíveis e permeáveis (Oneto, Marques & Pinheiro, 2009). Na **sensibilidade ao conteúdo latente**, assistimos à possibilidade de mentalização e integração da experiência no funcionamento psíquico (Oneto, Marques & Pinheiro, 2009).

- Função Alfa

A *função alfa*, proposta por Bion, reflecte um processo de contenção, feito através da união de uma pré-concepção a uma impressão sensorial que leva à criação de uma concepção, pela apreensão de um conceito, e portanto, participa na contenção, nomeação, simbolização e significação de elementos tóxicos sem-nome nem abrigo (elementos beta) que se tornam assim nomeados, pensáveis e dotados de significado (Bion, 1961)

Ao nível dos **modos de apreensão**, a função alfa será considerada na presença de respostas globais ou em grande detalhe, associadas a um determinante formal de boa qualidade que testemunha a delimitação de um continente estável (Chabert, 2003), pelo que as *respostas D dadas após uma resposta G* dão conta de uma atitude de exploração, de procura e de conhecimento do Outro e da relação intersubjectiva que indica a possibilidade de imergir num espaço psíquico em busca de simbolização (Oneto, Marques & Pinheiro, 2009).

Relativamente aos **determinantes**, a função de contenção pode revelar-se através do *determinante formal* contido na imagem projectiva, o qual deve salientar uma *boa qualidade formal (F+)*, em qualquer modo de apreensão, permitindo-nos constatar a inserção num mundo real partilhado (Chabert, 2003). As *cinestésias maiores (K)* de *boa qualidade* reflectem a possibilidade de identificação, numa relação de semelhança entre figuras humanas, havendo assim uma integração do diferente que nos permite constatar a capacidade de manter a dialéctica entre unidade e separação (Oneto, Marques & Pinheiro, 2009). As respostas *cinestésicas menores (kan, kp e kob)*, de *boa qualidade*, traduzem a possibilidade de mobilização das pulsões para partes não humanas, não comprometendo a adaptação à realidade, o que nos permite constatar da capacidade de compromisso entre percepção e projecção, indicativa do *espaço potencial* (Godinho, Marques & Pinheiro, 2009).

Será também identificada na *presença de algumas banalidades* que, tal como as respostas de *conteúdo animal*, se estiverem enquadradas na frequência normativa (**30 a 45%**), darão conta da relação com o mundo da realidade partilhada socializante, possibilitando-nos concluir acerca do nível de diferenciação entre interno e externo, assim como da capacidade de contenção ligada à possibilidade de integração de ambos os pólos, indicativa da capacidade de manter a dialéctica entre unidade e separação (Godinho, Marques & Pinheiro, 2009).

Capacidade de Rêverie

A *capacidade de rêverie* é explicitada por Bion (1961) como a capacidade de sonhar o Outro, através da receptividade e da ressonância emocional que possibilitam a ‘*pensabilidade*’ e a introjecção do bom objecto, essencial para adquirir segurança e auto-regulação. A *rêverie* reflecte um tipo específico de sensibilidade ao Outro, assente numa capacidade de contenção e de compreensão suficientemente boa de um objecto continente que é capaz de suportar as projecções, recebê-las, contê-las, discriminá-las e agir em conformidade.

- Ressonância Emocional

O objecto continente, por ser receptivo aos conteúdos da experiência externa, tem capacidade para transformar estas experiências, através de um processo de significação. A ressonância da experiência ocorre pela transformação das sensações e emoções da experiência externa em sensações e emoções dotadas de sentido e significado psíquico, nomeáveis e capazes de serem reconhecidas. Neste processo o sujeito capaz de colocar ao serviço do objecto externo a sua função alfa, tem capacidade para pensa-lo e sonhá-lo, entrando em contacto com os seus “pensamentos sem pensador”, da sua experiência inconsciente, o que pressupõe um contacto profundo com os pensamentos de sonho na vigília do sujeito. Não é só da alfabetização dos elementos β em α que decorre a ressonância emocional e fantasmática da experiência, mas também através da sequência de movimentos emocionais e relacionais que ocorre entre o sujeito e o objecto externo.

Pela análise dos **modos de apreensão**, a presença de **G elaborados** permite apreciar por parte do sujeito o recurso a mecanismos de simbolização por emergência do imaginário e fantasmático (Chabert, 2003). Estas respostas dão-nos conta da implicação pessoal do sujeito na criação da resposta Rorschach, utilizando as suas potencialidades criativas (Oneto, Marques & Pinheiro, 2009). Os **D elaborados após uma resposta G** dão-nos conta da possibilidade criativa do sujeito, do acesso ao mundo interno (Oneto, Marques & Pinheiro, 2009). Quando o sujeito faz uma exploração minuciosa e significativa da mancha – **G** → **D** → **Dd**, preferencialmente por esta ordem, assistimos à expressão do imaginário (Oneto, Marques & Pinheiro, 2009). Um modo de apreensão em **grande detalhe associado a determinantes formais de boa qualidade** remete para a existência de um continente capaz de transformar os conteúdos da experiência (Chabert, 2003), o qual permite uma proximidade ao fantasmático (Godinho, Marques & Pinheiro, 2009).

Ao nível dos **determinantes**, quando assistimos à alternância entre determinantes formais, cinestésicos e sensoriais controlados pela forma, observamos a expressão das características de flexibilidade e permeabilidade do espaço psíquico, isto é, a possibilidade de comunicação e troca entre mundo interno e externo (Oneto, Marques & Pinheiro, 2009). Quando, ao nível dos determinantes cinestésicos, encontramos a representação de figuras humanas e/ou animais de boa qualidade, percebemos a capacidade do sujeito para fazer ressonância da experiência, uma vez que assistimos a um compromisso harmonioso entre real e imaginário (Linhares & Pinheiro, 2009; Oneto, Marques & Pinheiro, 2009).

Os **conteúdos (H)**, se não representarem a maioria das respostas humanas, indicam a presença de um mundo fantasmático rico e criativo, de uma subjectividade profunda, assinalando assim o espaço mental criativo que enriquece a troca intersubjectiva (Oneto, Marques & Pinheiro, 2009). Desta forma, o sujeito irá utilizar regularmente as suas potencialidades criativas para fornecer imagens diversificadas e originais, *reduzindo assim o número de banalidades* que, no entanto, devem estar presentes, assegurando a inserção no mundo concreto e socializante (Oneto, Marques & Pinheiro, 2009). As respostas devem manifestar *uma sensibilidade à simbólica latente* dos cartões, sendo esperadas imagens que reflectam uma ressonância emocional indicativa de processos de mentalização e transformação fecunda (Oneto, Marques & Pinheiro, 2009). Por fim, a análise de fenómenos como *ausência de choques, equivalentes choque e recusa, um débito verbal rico e elaborado e número de respostas ligeiramente superior ao normal* dá-nos conta da possibilidade de acesso ao simbólico, ao imaginário, ao significativo (Oneto, Marques & Pinheiro, 2009).

- Receptividade ao meio

A *capacidade de rêverie* pressupõe uma capacidade de receptividade aos estados emocionais do outro, de ser capaz de acolher as suas vicissitudes, ainda que sejam desconhecidas e causadoras de ansiedade para o sujeito. Esta capacidade é descrita por Bion como a característica essencial do objecto continente. Um objecto continente pressupõe como características fundamentais a existência de uma delimitação permeável e flexível das suas fronteiras, garantindo a separação e comunicação entre interno e externo, entre sujeito e objecto, entre real e imaginário, protegendo o continente de ser dominado pelos conteúdos da experiência emocional do outro e pelas suas próprias experiências emocionais não evoluídas.

Pela análise dos **modos de apreensão** é possível aceder à presença ou ausência, de um continente com fronteiras delimitadas entre interno-externo, sujeito-objecto, real-imaginário, e presenciar uma *barreira de contacto* com flexibilidade e permeabilidade que permite a troca e comunicação entre estas dialécticas. A análise de **G% dentro dos valores normativos** dá-nos conta da capacidade de inserção do sujeito numa realidade objectal diferenciada, evidenciando uma atitude activa e dinâmica de exploração dos objectos externos, o que sugere uma sensibilidade face aos mesmos (Chabert, 2003). As respostas **G simples – G F+** testemunham a existência de um continente bem delimitado (Godinho, Marques & Pinheiro, 2009), que assegura a diferenciação e comunicação entre interno e externo, embora não permita o acesso ao mundo fantasmático (Godinho, Marques & Pinheiro, 2009). Estes procedimentos sugerem a capacidade de figurar um objecto num envelope perceptivo (Linhares & Pinheiro, 2009). A capacidade do sujeito para apreender a mancha em **G nos cartões I, IV, V e VI** dá-nos conta do estabelecimento de um Eu estável (Chabert, 2003).

Este modo de apreensão global nos referidos cartões, na presença dos determinantes formais de boa qualidade **F+** ou das cinestésias inteiras de boa qualidade **K** ou **kan**, dá conta da capacidade do sujeito para se reconhecer como inteiro e diferenciado, abrindo portas para o reconhecimento do outro (Linhares & Pinheiro, 2009). A análise de **D% dentro dos valores de referência** atesta o investimento na realidade externa, dando conta da sua sensibilidade e curiosidade face aos objectos externos e também face aos objectos que compõem a realidade interna do sujeito (Chabert, 2003).

No que diz respeito aos **determinantes**, consideramos que a análise do **F% dentro dos valores normativos** revela a existência de um continente bem delimitado, com fronteiras permeáveis e flexíveis que permite a elaboração dos conteúdos da experiência pela possibilidade de comunicação entre as dialécticas interno-externo (Gavancha & Marques, 2009). A análise do **F+% dentro dos valores normais** testemunha a capacidade de contenção do espaço psíquico (Gavancha & Marques, 2009). As respostas formais de carácter impreciso **F+-** em número limitado assinalam a sensibilidade e tolerância do sujeito face aos objectos externos com características ambíguas e desconhecidos. Este procedimento dá-nos conta da curiosidade e tomada de posição activa do sujeito no conhecimento destes objectos (Gavancha & Marques, 2009).

Ao nível dos determinantes **sensoriais**, as respostas cor quando integradas numa forma que domine sobre o carácter sensorial do estímulo **FC** revelam-nos a existência de um continente bem delimitado, sensível aos estímulos da realidade externa, com capacidade de os conter (Chabert, 2003). No mesmo sentido, as respostas esbatimento controladas pela forma **FE** remetem para uma atitude de perspicácia intuitiva nas relações, isto é, para uma delicadeza e sensibilidade em relação ao outro (Rausch de Traubenberg, 1970).

Os determinantes cinestésicos, em particular as cinestésias humanas e animais inteiras e de boa qualidade **K e kan**, dão conta da capacidade do sujeito para se reconhecer como inteiro, ou seja, para reconhecer a sua própria identidade subjectiva, o que abre as portas ao reconhecimento do outro, e portanto, à manutenção da dialéctica entre unidade e separação (Chabert, 2003; Gavancha & Marques, 2009; Godinho, Marques & Pinheiro, 2009).

Relativamente aos **conteúdos**, sabemos que os conteúdos humanos inteiros **H** revelam o reconhecimento da própria identidade subjectiva, que como já afirmamos, permite o reconhecimento do outro. Por último, a presença de elementos como *observações cor e/ou o aumento do número de respostas nos cartões pastel* sugere-nos uma atitude de sensibilidade aos estímulos da realidade externa (Oneto, Marques & Pinheiro, 2009).

Terceiro Intersubjectivo

Trata-se de um terceiro espaço mental que sustém as relações dialécticas entre união e separação, interno e externo, fantasia e realidade, Eu e Não-Eu, símbolo e simbolizado, nas quais cada pólo da dialéctica psicológica cria, dá forma e nega o Outro. A constituição do Eu como objecto pressupõe o Eu como sujeito observador, que o reconhece, como um espaço de pensamento entre os dois que inaugura o acesso à *trimensionalidade* e, assim, a capacidade para manter uma *dialéctica* entre interno e externo, entre fantasia e realidade. Para tal, Eu e Outro devem ser entidades claramente delimitadas e separadas por um espaço potencial que inaugura um espaço de dialéctica mental, onde ambos os pólos se podem ligar, de forma a se reconstruírem mutuamente - o *terceiro intersubjectivo*. Existe portanto uma plasticidade mental, uma maleabilidade no posicionar-se quer num, quer no outro pólo da dialéctica psicológica que se encontra em permanente ligação e compromisso.

- Tridimensionalidade

Na *tridimensionalidade*, o espaço potencial detém profundidade, tanto na relação do sujeito consigo próprio, com a sua própria subjectividade como na relação intersubjectiva Eu-Outro. A identificação projectiva assume aqui a sua vertente empática e diferenciada, já que o espaço continente da mente alcança os objectos na sua profundidade, dado que se encontram no domínio da sua representatividade, pela aquisição de um espaço e de diferentes tempos, admitidos pelo pensar assimétrico que impõe a noção de ordem (Grotstein, 2003).

Ao nível dos **modos de apreensão**, esta terceira dimensão do espaço psíquico será assim considerada na *presença conjunta de respostas Dd* e de *respostas G e D*, sugerindo a maleabilidade de um pensamento original e criativo. Paralelamente, a *utilização de vários modos de apreensão*, numa lógica de complementaridade permite-nos considerar a presença de um terceiro espaço de dialéctica mental, mediador e transformador na função de manutenção e equilíbrio das dialécticas mentais (Oneto, Marques & Pinheiro, 2009).

Quando aos **determinantes**, também será tida em consideração a existência de um *número suficiente de cinestésias*, na presença de *esbatimentos de perspectiva*, contidos na delimitação formal (Oneto, Marques & Pinheiro, 2009).

Relativamente aos **conteúdos**, estes devem ser diversos pela presença de respostas pessoais criativas que podem variar entre conteúdos culturais, históricos, artísticos e literários (Oneto, Marques & Pinheiro, 2009). Por fim, a *verbalização rica e elaborada*, com utilização de *substantivos, verbos e adjetivos* em que as frases estejam bem construídas e completas, assim como a existência de um *número de respostas do protocolo um pouco superior ao valor normativo*, darão conta das capacidades criativas que advêm do enriquecimento mútuo que ocorre na dialéctica mental (Oneto, Marques & Pinheiro, 2009).

- Flexibilidade e plasticidade mentais

Estas características mentais, associadas ao espaço psíquico tridimensional, referem uma variabilidade de recursos psíquicos que permite o contacto intersubjectivo de diversos ângulos, serão tidas em conta perante a possibilidade de *alternância entre determinantes formais, cinestésicos e sensoriais*, devendo sempre predominar aqueles que apresentam um determinante formal associado, indicador de contenção psíquica. Será também valorizada a *variedade de conteúdos* utilizados enquanto testemunha de um pensamento rico e criativo (Oneto, Marques & Pinheiro, 2009).

7. Análise Qualitativa do Rorschach

Cartão I

1) Cartão de entrada na situação relacional, onde será dado relevo à integração da intersubjectividade, isto é, à integração e significação da identificação projectiva como terceiro intersubjectivo, suscita portanto a reactivação da representação de si, da integração corporal, na inter-relação continente-conteúdo que sustenta a identificação projectiva entre um Eu e um Outro, permitindo uma reconstrução corporal identitária. Verifica-se que Cyril faz uma apreensão global da mancha, correctamente percebida, que integra a banalidade comumente percebida neste cartão (*'borboleta'* em G F+ A Ban). Tal construção dá conta da efectiva diferenciação Eu-Outro, entre mundo interno e mundo externo, visível na delimitação de uma representação identitária contida na boa adequação formal do percepto. Observa-se ainda a presença de uma banalidade que testemunha a inserção num mundo concreto partilhado e socializante.

A apreensão global simples associada ao conteúdo banal mostra-nos porém não haver aqui um grande esforço de elaboração, mas sim um conformismo perceptivo à solicitação do estímulo que nos remete para a ausência de ressonância emocional, uma vez que o retraimento e a intensa contenção da barreira não permitem o contacto com o mundo interno, pelo que a *função alfa* actua na contenção e elaboração da experiência psíquica, através do recurso a referências socializadas, traduzindo assim um menor envolvimento intersubjectivo pelo retraimento do mundo interno subjectivo. Contudo, a possibilidade de delimitação interno-externo indica-nos que a *barreira de contacto* revela-se funcional no tocante à diferenciação, apesar de excessivamente rígida na sua tarefa de contenção pulsional, dificultando a ligação e a comunicação intersubjectiva.

2) Após um primeiro contacto intersubjectivo relativamente bem sucedido, verificamos agora um movimento regrediente, no qual é abolida a *barreira de contacto* que permitiria assegurar a diferenciação e comunicação entre o interno e o externo, entre a fantasia e a realidade, entre o Eu e o Outro. Cyril faz uma apreensão global que descarta a adaptação formal perceptiva na medida em que surge determinada por uma cinestesia maior de má qualidade (G K H).

Esta construção destaca-se pela deformação perceptiva que denuncia o seu carácter arbitrário e delirante, ao reflectir a invasão fantasmática destrutiva que se expressa na imagem de uma figura feminina onnipotente (*'levanta os braços como se segurasse um globo'*) que parece não respeitar os limites de uma subjectividade, e de um encontro intersubjectivo, que reclama por contenção e diferenciação (*'como para uma cerimónia religiosa ou uma seita'*), o que obriga Cyril a alternar entre o reforço protector das fronteiras Eu-Outro, que também o afasta das possibilidades relacionais, e o risco de interpenetração Eu-Outro que se avizinha face à relação, devido à porosidade dos limites, à permeabilidade excessiva da pele psíquica (*'teria uma espécie de protecção ou de capa esburacada'*). Salientamos aqui a *'cerimónia religiosa'* e, ainda com maior ênfase, a *'seita'* enquanto imagens-conceitos representativas de entidades supremas que abafam as subjectividades individuais, em nome do uníssono que é regido por uma só voz, superior, onnipotente, inabalável e inquestionável, podendo desta forma traduzir a vivência da relação intersubjectiva com a entidade materna.

Devo ressaltar que este mesmo cartão (e respectiva simbólica latente) surge na prova das escolhas como aquele que causou impacto negativo, exactamente pela associação à *'cerimónia religiosa'* que pensamos conter os elementos angustiantes de indiferenciação que marcam a representação da relação intersubjectiva. Na prova das escolhas, Cyril parece ainda perder a consciência de estar a interpretar, tomando como objectivo aquilo que é francamente subjectivo (*'talvez porque é uma imagem de uma cerimónia religiosa'*). Constatamos, portanto, que o conteúdo projectado fica aquém da contenção formal, não havendo uma *barreira de contacto* funcional nem uma *função alfa* activa, capaz de conter a angústia emergente. Este encontro intersubjectivo permanece portanto ao um nível da indiferenciação, na ausência de um *espaço potencial*, pois revela de uma subjectividade que transborda de elementos intoxicados, em apelo a um receptáculo continente capaz de fornecer limites e de albergar os elementos beta emergentes, dando-lhes significação e transformação.

3) Numa contínua degradação da *barreira de contacto*, evidenciada nos movimentos regredientes da sequência que indicam a fragilidade dos limites de Cyril, revela-se agora uma apreensão global do percepto que surge deturpado pela má qualidade formal da resposta e associado a um conteúdo *'máscara'* (G F- Masc). A *barreira de contacto* está inoperante na ausência de delimitação interno-externo, já que a invasão fantasmática é tal que acarreta a perda de contacto com a realidade, atribuindo a esta construção um carácter arbitrário e delirante, do qual se depreende um predomínio do pólo da fantasia sobre o pólo da realidade (Ogden, 1985), uma interpenetração Eu-Outro que anula o *espaço potencial* de encontro.

A impossibilidade de investimento na subjectividade própria, no Outro e no contacto intersubjectivo é marcante pela ausência de respostas em grande detalhe, ao longo desta sequência de respostas, que denota assim uma atitude de distanciamento receoso face à relação intersubjectiva, evidenciada na sequência de respostas exclusivamente globais. Desta construção projectiva e, a um nível qualitativo, se depreende que o encontro intersubjectivo é portador de grande angústia, relativa à perda dos limites entre subjectividades, estando esta patente no conteúdo ‘*máscara*’ que destapa uma necessidade de reforço das barreiras entre o Eu e o Outro, de investimento nos contornos que delimitam (e, neste caso, visam proteger) as subjectividades, tentando impedir que caiam na confusão.

No entanto, este reforço dos limites (‘um *traço muito marcado, muito claro*’) acaba por se revelar uma tentativa fracassada, já as barreiras entre o Eu e o Outro são rompidas ou, como diz Cyril, ‘*abertas*’ no contacto intersubjectivo (‘uma *máscara* que teria sido *aberta*’). Esta representação de si e da relação enquanto entidade una e cindida, intimamente ligada à interferência da clivagem defensiva do Eu e do Outro, volta a ser recrutada na associação a ‘*Cyrano de Bergerac...separado em duas partes...o nariz seccionado*’, representativa tanto da identidade subjectiva como do contacto intersubjectivo enquanto peça de teatro de carácter unísono, cindido e indiferenciado que não permite a livre expressão individual dos seus actores. Concluímos que as subjectividades se misturam, na ausência do *espaço potencial* e portanto sem possibilidade de contacto intersubjectivo, pela emergência excessiva e invasiva de elementos beta que não encontram a contenção da *função alfa*, num objecto continente capaz de oferecer transformação simbólica.

4) Finalizando esta sequência de respostas, num movimento cada vez mais regrediente, e que progressivamente vai denunciando os mecanismos mais arcaicos e desadaptativos que estão na base, não do contacto intersubjectivo, mas sim da confusão intersubjectiva, deparamo-nos agora com uma construção projectiva de carácter persecutório delirante. Cyril faz uma apreensão global com interpretação do detalhe branco, determinada sobretudo pela intensidade da angústia pulsional emergente e estando ainda associada a um conteúdo humano irreal, sobrenatural (Gbl ClobF (H)). A interpretação do branco revela que o enfoque é dado à falha identitária sentida no contacto intersubjectivo que é tido, com uma conotação persecutória e destrutiva, enquanto ameaça de perda da identidade subjectiva. Esta vivência de falta interna é reforçada no inquérito dos limites, sob o enunciado ‘*aqui faltaria uma parte*’, destapando assim a representação da relação no seu potencial de abafar, oprimir e parcializar as subjectividades individuais.

A deformação e deturpação do real perceptivo desmascaram o desinvestimento do intersubjectivo Eu-Outro e a perda de contacto com a realidade, anunciando um julgamento arbitrário que dá conta de uma vivência intersubjectiva paranóide e delirante que bebe das fontes mais arcaicas do funcionamento psíquico. Verifica-se assim uma invasão fantasmática alienante e alienada, de intensidade pulsional de nível oral persecutória (*'monstro terrífico com os olhos em branco, a boca, um sorvedouro quase com a mandíbula que está incompleta'*), que domina o plano perceptivo e corrompe a *barreira de contacto*, anula as fronteiras entre o mundo interno e o mundo externo, entre o Eu e o Outro que se confundem, podendo-se falar de uma invasão fantasmática que resulta na predominância do pólo da fantasia sobre o pólo da realidade (Ogden, 1985). A relação intersubjectiva é assim tida sob a imagem-conceito de uma figura monstruosa e destrutiva que sorve e desvitaliza as subjectividades individuais. Desta forma, concluímos que o encontro intersubjectivo é impedido dada a ruptura da *barreira de contacto* que resulta na impossibilidade de diferenciação e contacto Eu-Outro, podendo-se constatar que a relação intersubjectiva fica ao nível da indiferenciação, carregada de elementos beta intoxicados e dispersos sem contenção nem simbolização, na ausência de *função alfa* transformadora.

Cartão II

5) Este cartão remete para a integração e significação da intersubjectividade, patente no bilateral do cartão, pelo que será dada importância à possibilidade de integração do pulsional num contexto relacional Eu-Outro, sendo destacada a representação da dinâmica intersubjectiva que ocorre no entre dois. Verifica-se pois que, num primeiro contacto, Cyril procede a uma apreensão global da mancha, delimitada pela contenção formal adequada, que denota uma ligeira sensibilidade à solicitação simbólica relacional latente (G K H/A).

É aqui possível a representação da relação intersubjectiva, na apreensão do relacional interactivo, inerente às características das respostas cinestésicas adaptadas, as quais indicam a possibilidade de dialéctica entre mundo interno e mundo externo, na qual há um contributo mútuo na relação Eu-Outro, pela presença de uma *barreira de contacto* que preserva a mínima diferenciação e ligação entre o mundo interno e o mundo externo, sem que um pese sobre o outro. Contudo, cabe destacar que a relação intersubjectiva é colocada no anonimato e em moldes especulares (*'duas pessoas que unem as suas mãos'*), o que ressalta a frágil delimitação e diferenciação que acomete as subjectividades em relação, as quais acabam por se confundir no conteúdo híbrido que denuncia a interpenetração Eu-Outro.

Aqui, a *função alfa* permite alguma contenção e integração do conteúdo caótico, a sua transformação e significação numa construção relativamente organizada, a despeito do conteúdo híbrido que testemunha da confusão Eu-Outro, notando-se a presença de um *espaço potencial* de mentalização, apesar de instável e precário, pela fragilidade da *barreira de contacto* que ameaça a interpenetração entre subjectividades. De notar que a integração do vermelho pulsional, no contexto da relação intersubjectiva Eu-Outro não é possível, fazendo-nos suspeitar de uma necessidade de retraimento da angústia pulsional que não poderia encontrar via de expressão projectiva sem condenar a adaptação perceptiva.

6) Num segundo contacto entre subjectividades, verifica-se uma atitude de investimento no Outro (mancha), uma vontade de conhecer e de explorar a/na relação intersubjectiva, num contacto mais aprofundado com o estímulo. Surge agora uma apreensão em grande detalhe, indicativa de uma abertura à relação intersubjectiva, sem que esta ponha em causa a *barreira de contacto* que permite a diferenciação e a comunicação Eu-Outro. A construção projectiva surge associada a um determinante sensorial que permanece contido pela delimitação e pela adaptação formal (D FC' Anat), indicando assim a integração da experiência psíquica que se vê passível de ser elaborada e simbolizada no recurso à *função alfa*.

Desta forma, constatamos que o *espaço potencial* autoriza uma dialéctica mínima entre o mundo interno e o mundo externo, pela possibilidade de integração da experiência que dá sentido ao vivido intersubjectivo. Esta produção vem contudo acompanhada de uma tendência para o esbatimento de difusão ('pulmões *sujos pelo fumo*'), corolário da fragilidade e da porosidade dos limites intersubjectivos, e de um conteúdo anatómico que destapa a ameaça de invasão pulsional que resultaria no derramar do mundo interno subjectivo sobre o mundo externo. Depreendemos que a representação da relação intersubjectiva é aqui colocada nos seus moldes especulares ('*pulmões*') que denunciam a falta de diferenciação Eu-Outro, e tida como portadora de um risco de turvação, abafamento e desvitalização ('*sujos pelo fumo*') de uma subjectividade que se ressent na vivência de exposição e vulnerabilidade interior.

7) Num terceiro contacto com o estímulo, deparamo-nos agora com uma apreensão em D/G, sendo esta portadora de uma fusão ou sobreposição de imagens que resulta da contaminação, confusão e deturpação perceptiva, estando ainda associada a um conteúdo geográfico (D/G F-Geo). Esta construção projectiva decorreu da invasão fantasmática maciça, do mundo interno que inundou o mundo externo e que condenou qualquer possibilidade de delimitação interno-externo, de diferenciação Eu-Outro.

A falta de contenção, patente na desadequação formal perceptiva, testemunha a ausência da *função alfa*, pela emergência de elementos beta não nomeáveis que clamam por um continente securizante, capaz de os acolher, de os alfabetizar, dotando-os de sentido e significação. Esta produção põe a tónica na angústia de separação, na necessidade de diferenciação Eu-Outro, num relacional intersubjectivo que parece abafar as subjectividades individuais (*‘um desdobramento, a França e a Córsega em discórdia’*). O mesmo enfoque na necessidade de diferenciação intersubjectiva é colocado, no inquérito dos limites, sob o enunciado *‘a rebelião, o movimento separatista desdobrado’*, que nos parece remeter para uma noção de urgência vital de separação, de diferenciação entre subjectividades, a fim de ser possível a estabilização, a estruturação e a definição de uma identidade subjectiva extremamente frágil e em vias de ruir na interpenetração Eu-Outro.

O investimento é direccionado para a constituição de limites, de barreiras entre o interno e o externo, já que o encontro intersubjectivo não permite a diferenciação nem a expressão das subjectividades individuais, ficando estas reduzidas à unicidade, à contaminação de uma pela outra, sem espaço de troca mútua. A *barreira de contacto* revela-se inoperante e não assegura a separação essencial entre o Eu e o Outro, não admitindo assim a existência de um *espaço potencial* intersubjectivo.

Resp. Adic.) Devo salientar ainda que, no inquérito dos limites, Cyril fornece uma resposta adicional que dá conta de uma apreensão em grande detalhe desprovida de qualquer delimitação formal ou possibilidade de contenção, e unicamente determinada pelo impacto sensorial do vermelho, estando assim associada a um conteúdo de *‘sangue’* (D C Sg). Esta imagem-conceito carece de função continente e, uma vez contextualizada na problemática da angústia de separação, anteriormente referida, poderá reenviar-nos para uma representação da relação enquanto algo que acarreta o risco de invasão e de perda identitária, o que implica uma grande vulnerabilidade e permeabilidade face ao Outro e ao contacto intersubjectivo. Devo ainda frisar que este cartão foi identificado, na prova das escolhas, como um dos que terá causado impacto negativo no sujeito, exactamente pela referência ao vermelho que é inevitavelmente associado ao *‘sangue’* (*‘o vermelho evoca um pouco o sangue’*).

Entendemos assim que o vermelho pulsional da mancha desencadeou a invasão fantasmática que, por sua vez, corrompeu e aboliu a *barreira de contacto*, pela força dos elementos beta emergentes que não encontraram a *função alfa* simbolizante de um continente bem delimitado, dando origem a uma imagem-conceito que, por ligação sensorial ao vermelho, só pode ser tida como ‘*sangue*’, desmascarando a intensidade da angústia pulsional subjacente a esta necessidade de diferenciação intersubjectiva. Posto isto, concluímos que o *espaço potencial* é aqui inexistente, assim como se torna vedado o contacto intersubjectivo.

Cartão III

8) Este cartão remete também para a integração e significação da intersubjectividade, na medida em que o bilateral do cartão apela ao relacional, sendo dada importância à possibilidade de integração do pulsional num contexto relacional Eu-Outro, e ainda destacada a representação da dinâmica intersubjectiva que ocorre no entre dois. Verifica-se pois que, num primeiro contacto, Cyril procede a uma apreensão global da mancha, bem delimitada pela contenção formal adequada. Em consonância com o latente, é fornecido um cenário relacional intersubjectivo, no entanto composto por duas figuras femininas, e destacando-se assim a indiferenciação sexual dos personagens (*‘Duas mulheres que têm um saco na mão’*).

Esta construção projectiva permite-nos constatar um movimento de transformação, de elaboração simbólica e criativa do Outro, pela presença de uma cinestesia maior de boa qualidade, indicadora de um compromisso entre percepção e projecção que confirma a possibilidade de usufruto de um *espaço potencial*. A *barreira de contacto* viabiliza e medeia o contacto Eu-Outro, preservando a diferenciação entre subjectividades e mantendo a comunicação entre ambas. É feita assim a integração da experiência intersubjectiva, de onde a *função alfa* emerge para elaborar e dar sentido à vivência psíquica intersubjectiva, já que se pode aqui observar uma apreensão global associada a uma cinestesia humana de boa qualidade, cujo carácter banal acrescenta ainda a inserção no mundo real concreto partilhado (G K H Ban). Cabe salientar que a banalidade associada parece favorecer a integração e elaboração da experiência, através da ancoragem ao real, a uma referência socializada que, ao mesmo tempo que impede um maior envolvimento intersubjectivo que poderia por em causa a operacionalidade da *barreira de contacto*, também permite a elaboração da experiência psíquica, mas à custa do retraimento do mundo interno, na carência de ressonância emocional e de participação pessoal subjectiva.

9) Num segundo momento progrediente que revela de uma atitude de investimento e de conhecimento do Outro, que vem salientar a possibilidade de imergir no mundo interno, na sua subjectividade própria em busca de significação pessoal, sem riscos de invasão fantasmática, verifica-se agora que Cyril procede a uma apreensão em grande detalhe, que não descarta da contenção dada pela adaptação formal perceptiva (D F+ Vest), revelando assim as suas capacidades de conciliar ambos os pólos de percepção e de projecção.

A tendência kob vem ainda acrescentar o aspecto dinâmico de uma psique com potencialidades criativas, remetendo-nos para a actuação de uma *capacidade de rêverie* incipiente que sonha o Outro e o encontro Eu-Outro, pela via da receptividade ao mundo externo e pela ressonância emocional do mundo interno, no âmbito de um *espaço potencial* que toma lugar enquanto terreno de criatividade e mentalização, um espaço de interioridade cuja *função alfa* pode aqui albergar os elementos beta caóticos, simbolizá-los e dotá-los de significação pessoal. Esta produção surge ainda acoplada de um conteúdo ‘*vestuário*’ (‘do qual os *soutiens* tivessem voado’) que se destaca, por um lado, pela sua originalidade que nos permite alertar para as possibilidades criativas de Cyril, mas também, por outro lado, pelo seu carácter hipersexualizado. O conteúdo ‘*vestuário*’ serve ainda a necessidade de investimento e de reforço dos limites, das fronteiras que preservam, a todo o custo, a diferenciação entre o Eu e o Outro, entre o mundo interno e o mundo externo, favorecendo a função de contenção da *barreira de contacto* que procura suportar as emergências pulsionais e manter a separação.

10) Esta hipersexualização do contacto intersubjectivo parece, num terceiro momento regrediente, fazer emergir a ameaça correspondente a esta sexualização, denotando-se agora a invasão fantasmática maciça que corrompe *barreira de contacto*, anulando a diferenciação entre subjectividades e, como tal, não havendo *espaço potencial* para a integração e elaboração psíquica. Após uma grande manipulação do percepto, indicativa de alguma ansiedade no confronto com o mesmo, surge uma produção (‘*poder-se-ia ver dois fantasmas ou dois mortos-vivos que seguram um ceptro*’) que destapa a conotação invasiva e destrutiva do encontro intersubjectivo, na medida em que o contacto relacional entre subjectividades parece representar uma ameaça de desvitalização e de mortificação das mesmas. Cyril procede a uma apreensão em grande detalhe que é determinada por uma cinestesia maior, cuja intensidade pulsional adjacente não permite a manutenção da adaptação formal, estando ainda associada a um conteúdo humano irreal, sobrenatural (D K (H)).

A adequação perceptiva fica assim condenada ao fracasso, na cinestesia maior de má qualidade perceptiva que adquire um carácter arbitrário e delirante, dada a ausência de contenção da *função alfa* e de delimitação intersubjectiva que anula o espaço mental Eu-Outro, não havendo portanto qualquer compromisso intersubjectivo, e ficando assim a percepção deturpada pela intensidade da projecção, sendo as subjectividades reduzidas à confusão e à interpenetração interno-externo. Acreditamos que a imagem-conceito '*dois fantasmas ou dois mortos-vivos*' dada em resposta à solicitação relacional latente do cartão parece deter o carácter opressor, desvitalizante e destrutivo associado à representação da relação Eu-Outro. Esta representação da relação parece ser novamente apontada, aquando do inquérito dos limites, e reforçada numa óptica invasiva e mortífera da mesma, sob o enunciado '*esqueleto com um pescoço, um fantasma porque não vemos as pernas*', reenviando-nos para uma representação do intersubjectivo que se destaca por uma vivência psíquica de ataque à estrutura interna do sujeito. Concluímos que, sendo abolida a *barreira de contacto* que impõe a diferenciação e a possibilidade de ligação intersubjectiva, também o *espaço potencial* fica assim condenado na interpenetração Eu-Outro.

Resp. Adic.) Devo ainda ressaltar que, no inquérito dos limites, Cyril fornece uma resposta adicional ('*o fígado...separado, rasgado*') que vem acentuar o carácter invasivo e destrutivo da representação da relação entre subjectividades, a qual é colocada nos seus moldes especulares que destapam a indiferenciação Eu-Outro. Cyril procede então a uma apreensão perceptiva em grande detalhe que se deixa dominar pelo afecto, pela pulsão destrutiva que emerge face ao vermelho, não deixando espaço para a contenção formal devida (D CF Anat). Constata-se que o duplo relacional interactivo, já desvitalizado e amortecido na construção projectiva precedente, dá lugar à unicidade do '*fígado*', conteúdo anatómico que surge '*separado e rasgado*' pela força da invasão pulsional, pela confusão e concomitante falta de limites entre duas subjectividades que se invadem mutuamente, que se misturam, não dando espaço à expressão individual de cada uma e ficando ambas condenadas à destruição ('*rasgado*'). Verifica-se portanto que a *barreira de contacto* é corrompida na sua função de diferenciação ou ligação intersubjectiva, não havendo aqui uma *função alfa* que possa servir a contenção e a elaboração simbólica da experiência psíquica no encontro entre subjectividades, pelo que podemos depreender a inexistência de um *espaço potencial* de mentalização. A relação intersubjectiva fica desta forma reduzida à confusão entre subjectividades e à contaminação dos elementos beta sem sentido que emergem violentamente na sua força pulsional mas não encontram continente, ficando aquém da simbolização pensável.

Cartão IV

11) Este cartão incita ao confronto com uma imagem de potência que atesta a qualidade da representação de si e do Outro. Será dada especial atenção ao uso da identificação projectiva enquanto meio de ligação e comunicação entre o Eu e o Outro, de forma a percebermos como é feito o investimento e a representação do Eu e do Outro, no âmbito da intersubjectividade. Verifica-se que, num movimento progrediente, Cyril procede a uma apreensão global do percepto (*'um dragão'*) que nos permite constatar a presença de uma angústia pulsional fantasmática que surge integrada na contenção delimitadora da adaptação formal perceptiva, evidenciando assim não só a operacionalidade da *barreira de contacto* que autoriza a expressão do mundo interno face ao mundo externo, ao servir a diferenciação e comunicação entre ambos, como também a mobilização da *função alfa* que actua na devida contenção simbolizante (G FClob (A)). Desta forma, vemos que a fantasia interna encontra-se com a realidade externa, num *espaço potencial* que exhibe um compromisso mútuo de diferenciação, ligação e comunicação intersubjectiva.

Contudo, o temor contido na imagem construída (*'dragão...a sombra, o lado negro'*) via identificação projectiva, deixa antever o carácter ameaçador e onnipotente da relação intersubjectiva, a qual acreditamos ser representada enquanto portadora de um eventual receio de que a subjectividade própria possa ser abafada ou escurecida no confronto com a onnipotência de uma outra subjectividade, o *'dragão'* sombrio. Por outro lado, podemos pensar que a originalidade do conteúdo (A) assim como a natureza irrealista da figura (*'dragão'*), em conjunto com a devida adaptação formal, poderá também traduzir a possibilidade de imersão num mundo interno rico que ainda consegue encontrar as vias adaptadas para se exprimir, alertando-nos para uma *capacidade de rêverie* incipiente que torna viável o recurso a um espaço mental interno de criatividade, de interioridade e de mentalização. A *ressonância emocional* e a *receptividade* ao meio externo, intimamente relacionadas com a *capacidade de rêverie*, são expressas não só no inquérito dos limites, sob o dito *'faz-me pensar numa imagem que eu vi'*, como também na riqueza do conteúdo (A) que nos reenvia para a possibilidade de imersão num mundo interno de fantasia. O *espaço potencial* pode então ser mantido e utilizado de forma criativa, já que deparamo-nos com um processo de integração, simbolização e significação pessoal da angústia pulsional que emergiu sob a contenção da *função alfa*, albergada por um continente com limites estáveis e tornando-se alvo de trabalho psíquico e de pensamento criativo.

Resp. Adic) Devo salientar que, aquando do inquérito dos limites, Cyril procede a uma resposta adicional que, num movimento regrediente, põe a nu a ameaça ligada ao contacto intersubjectivo, na medida em que este parece ser representativo de um abafamento das subjectividades individuais, já que a imagem-conceito ‘*corpo*’, fornecida em primeiro lugar, acaba por ficar reduzida a ‘*pés*’ (Do F+ Hd), numa drástica parcialização da subjectividade, o que nos leva a pensar não ser possível a manutenção do todo face a um Outro, no encontro intersubjectivo. Constatamos que a apreensão é feita em detalhe oligofrénico, portador da dupla restrição do campo perceptivo e do conteúdo, estando associada, como seria de esperar, à adaptação formal perceptiva e a um conteúdo humano parcial.

Esta produção dá conta de grande inibição afectiva e intelectual e da acção de mecanismos de defesa que visam impedir a emergência do fantasmático que, provavelmente, não encontraria meios adaptados para se exprimir. Acreditamos que, perante um encontro intersubjectivo portador de grande angústia ligada à ameaça de perda da identidade, esta imagem-conceito poderá ter o valor representativo da vivência de dificuldades de integração identitária, de construção, definição e firmação de uma identidade subjectiva vulnerável e permeável que se fragiliza, anula e parcializa no contacto intersubjectivo. Defendemos que a *barreira de contacto* não opera a devida diferenciação e ligação entre subjectividades, promotora da comunicação, da troca e da recriação mútua, impedindo assim a existência de um *espaço potencial* fecundo de simbolização.

Cartão V

12) Cartão que remete para a representação de si e para a integração corporal, faz um apelo à re-significação e à reconstrução corporal face a um Outro, no âmbito da relação intersubjectiva. Assim, observamos que ocorre uma apreensão global do percepto (G F+ A Ban), contida pela delimitação formal adaptada e associada a um conteúdo animal banal. Daí se depreende a operacionalidade da *barreira de contacto* na sua função de diferenciação entre o mundo interno e o mundo externo, mas é realçado o receio de emergir no mundo interno em busca de participação pessoal subjectiva, uma vez que a excessiva rigidez da *barreira de contacto*, ao investir na diferenciação, também acaba por dificultar os processos de ligação e de comunicação entre o Eu e o Outro. A experiência psíquica intersubjectiva é integrada pela actividade da *função alfa*, adquirindo forma, símbolo e sentido (‘*uma borboleta*’).

A presença da banalidade garante a inserção no mundo concreto partilhado, mas também endurece a *barreira de contacto*, dificultando o envolvimento intersubjectivo no reforço da ancoragem ao mundo externo em detrimento da expressão pessoal do interno, num propósito de ancoragem à realidade concreta favorece a integração e a elaboração da experiência psíquica, mas à custa do retraimento da fantasia subjectiva.

13) Num segundo momento de contacto com o estímulo, observamos uma atitude de investimento no Outro e na relação intersubjectiva, na medida em que Cyril procede a uma apreensão em grande detalhe, portadora de uma vontade de (se) conhecer, cujo conteúdo animal parcializado aparece contido na delimitação formal adequada (D F+ Ad). Aqui, a *barreira de contacto* serve a função de diferenciação e de comunicação intersubjectiva, o que nos leva a constatar que a *função alfa* suportou o processo de integração da experiência mental, através da contenção do conteúdo emergente que se revelou devidamente elaborado e simbolizado na imagem-conceito fornecida (*‘duas cabeças, uma cabeça de cavalo, e a sua pata de cada lado’*), apesar da parcialização da mesma.

Acreditamos que tal parcialização do objecto, em resposta à solicitação latente de representação da identidade subjectiva, possa deter por um lado uma vontade de explorar a sua subjectividade própria (D), mas por outro, também um receio de que se possa perder nas partes inconciliáveis de si mesmo e da relação intersubjectiva, o que o leva a enunciá-las separadamente, na dificuldade de as conectar entre si e de as reunir numa coesão unificante. Para concluir, afirmamos que o *espaço potencial* faz-se presente não só no processo de integração, elaboração e simbolização da experiência psíquica, como também no investimento da sua identidade subjectiva, no âmbito da relação intersubjectiva.

Cartão VI

14) Este cartão apela à representação corporal e sexual que dá suporte à identidade subjectiva, sendo aqui dada especial atenção à forma como Cyril investe e representa o Eu e o Outro na relação intersubjectiva, onde ocorre a re-significação e reconstrução corporal e identitária de ambos. Num primeiro contacto com o estímulo, é feita uma apreensão do percepto em grande detalhe, contida pela delimitação formal adequada e associada a um conteúdo *‘objecto’* (D F+ Obj), realçando um desejo de (se) conhecer na relação intersubjectiva, num movimento de investimento na sua identidade subjectiva.

Nesta construção projectiva (*'uma guitarra'*), a originalidade da imagem-conceito chama a atenção, na medida em que destaca a influência da *capacidade de rêverie*, nesta possibilidade de imersão num mundo interno de fantasia em busca de um novo objecto que reflecta um compromisso dialéctico, portador de efectiva participação pessoal do mundo subjectivo, frente a um Outro externo de características próprias, num processo de integração equilibrada, harmoniosa e criativa. Depreendemos portanto que a *barreira de contacto* permitiu a diferenciação entre mundo interno e mundo externo necessária à comunicação intersubjectiva, e encetou o *espaço potencial* no qual ocorreu a integração da experiência mental que, pela acção da *função alfa*, pôde ser elaborada, simbolizada e transformada. Devo ainda salientar que este cartão é identificado, na prova das escolhas, como um daqueles que causou maior impacto positivo em Cyril, *'pela sua forma'*, pelo que acreditamos ter sido o carácter compacto e bem delimitado do percepto, qualidades que aliás favorecem o solicitar primordial da representação de si ao nível da construção corporal e identitária, que o terá eventualmente colocado entre os cartões eleitos *'positivos'*. As características formais delimitadoras do percepto e a sua consistência compacta e una poderão ter favorecido a elaboração e simbolização da imagem-conceito criativa que agrega elementos do mundo interno e do externo, num compromisso mútuo que terá induzido em Cyril uma vivência de harmonia psíquica na elaboração desta resposta.

15) Num segundo contacto com o estímulo, Cyril faz um movimento de afastamento perceptivo, transitando de uma apreensão em grande detalhe (na resposta anterior) para uma apreensão global, que inclui a expressão da carência afectiva e narcísica precoce associada ao esbatimento de textura, surgindo esta contida pela delimitação formal adequada, e acoplada a um conteúdo animal banal (G FE A Ban). Nesta construção projectiva, Cyril mostra-se sensível à gradação de cor do percepto, que parece reenviá-lo para a representação da relação primária com o objecto materno, devendo-se aqui destacar uma vivência psíquica de familiaridade, subentendida sob o enunciado *'tenho a impressão de já ter visto isto'*, no inquérito dos limites. Constatamos ainda que a *barreira de contacto* assegura aqui a diferenciação permeável entre o Eu e o Outro, viabilizando a comunicação intersubjectiva e a elaboração da experiência psíquica. Contudo, podemos verificar que a integração e simbolização da experiência mental, operada através da *função alfa*, implica o retraimento do mundo interno subjectivo pela necessidade de recorrer a uma referência banal e socializante que serve propósitos de ancoragem ao mundo externo para favorecer a contenção, modulação e simbolização dos conteúdos emocionais emergentes, pela *função alfa*.

A banalidade associada remete-nos então para a necessidade de sacrificar a expressão pessoal subjectiva a favor da contenção e integração da experiência psíquica, o que acaba por se traduzir na ausência de *ressonância emocional*, já que a rigidez e a intensa contenção da barreira impedem o contacto e envolvimento com a sua vivência interna.

Cartão VII

16) Este cartão, na sua vertente bilateral, põe à prova o reconhecimento da diferença entre o Eu e o Outro, apelando à integração e significação da intersubjectividade no seio do relacional materno e feminino, pelo que toma relevo o processo de separação-indivuação, a representação e reelaboração do continente materno e a significação de um limite entre subjectividades, capaz de estabelecer a delimitação de uma identidade subjectiva. Verifica-se portanto que, num primeiro contacto com o estímulo, Cyril faz uma apreensão global que carece de delimitação formal, surgindo esta associada a um conteúdo geográfico, com uma tendência para o esbatimento de perspectiva (G F+/- Geo). Esta construção projectiva aparece vincada na necessidade de delimitação, de fronteira e de diferenciação do Eu face ao Outro.

A subjectividade não encontra a contenção da *função alfa*, pela ausência de continente capaz de estabelecer limites estáveis na relação intersubjectiva, justificando o investimento da fronteira entre o Eu e o Outro (*'mapa de um país com contornos bastante bem recortados'*), protector defensivo contra o risco de interpenetração que ameaça a perda da identidade subjectiva. Aqui, o conteúdo geográfico surge enquanto procura de receptáculo, apelo a um continente materno capaz de oferecer limites sólidos e estáveis. Desta forma, Cyril procura defender-se da indefinição identitária e da fragilidade dos limites, no contacto intersubjectivo, investindo sobretudo nos *'contornos bem recortados'*, na fronteira Eu-Outro, subjectividades que, no receio de confusão que entrava a relação, acabam por ficar limitadas à indefinição, à falta de forma que dificulta a construção identitária e o contacto relacional intersubjectivo.

A *barreira de contacto* revela-se inoperante pela excessiva porosidade dos limites, pela difusão sentida entre o Eu e o Outro, não conseguindo portanto efectuar a diferenciação entre subjectividades, e não sendo possível a comunicação e a recriação entre mundo interno e mundo externo. O *espaço potencial* é inexistente e a relação intersubjectiva fica como que difusa, mal definida, enublada pelo conteúdo não nomeável que permanece em busca de continente. Consideramos ainda que a tendência para o esbatimento de perspectiva poderá servir uma manobra de compensação narcísica face à vulnerabilidade identitária subjectiva, sentida na impossibilidade de separação intersubjectiva.

17) Num segundo momento de contacto com o estímulo e, num movimento regrediente que parece acentuar a angústia de separação e a necessidade de diferenciação entre o Eu e o Outro, pela ameaça de perda da identidade subjectiva, Cyril faz uma apreensão em grande detalhe que é determinada por uma cinestesia menor de postura (D kp Hd), da qual o carácter de invasão fantasmática pulsional que não encontra a contenção da *função alfa* se destaca, antes de mais, pela acuidade delirante com que a projecção é formulada (*‘duas cabeças de índios que gritam...vejo-os gritar’*), indiciando a clara interpenetração Eu-Outro, pela invasão do mundo interno fantasmático que inunda o mundo externo perceptivo, resultando na deformação da realidade externa. Consta-se portanto que a *barreira de contacto* está inoperante, não permitindo a diferenciação entre subjectividades, o que condena desde logo a existência de um *espaço potencial* para a comunicação e troca mútua.

À semelhança da resposta adicional dada ao cartão IV, verifica-se, agora num contexto intersubjectivo dotado da solicitação latente que apela à diferenciação, reconstrução e re-significação entre subjectividades, no confronto com o simbólico do materno feminino, o surgimento da mesma parcialização do Eu que, no contacto com um Outro, fica reduzido às suas partes, *‘duas cabeças de índios’*. Esta sequência de movimentos que testemunha de um esforço de controlo menos eficiente mostra a vivência da angústia de separação, no desespero pela diferenciação que assenta na representação da relação enquanto risco de abafamento da construção e expressão das subjectividades, na relação intersubjectiva, vivida como ameaça de perda da identidade subjectiva pelo risco de interpenetração entre interno e externo.

Resp. Adic.) Devo ainda realçar que Cyril fornece, no inquérito dos limites, uma resposta adicional (*‘poder-se-ia pensar também em nuvens com zonas de sombra e vê-se relevos, é por isso também que me faz pensar num país’*), que traduz uma apreensão global, determinada primariamente pela influência do esbatimento de difusão e, secundariamente, pela delimitação formal frágil e imprecisa da *‘nuvem’*, estando ainda associada ao já referido conteúdo (G EF Nuvem). Nesta imagem-conceito, as subjectividades que até então se enfrentaram com receio de se perderem uma na outra, ficam reduzidas à difusão, à inconsistência, à impalpabilidade das *‘nuvens com zonas de sombra e relevos’*. Destacamos as *‘zonas de sombra’* enquanto portadoras da impossibilidade de simbolização, do enublado da falta de sentido, do não nomeável que permanece aquém da alfabetização, de onde a busca de continente é claramente expressa sob o último enunciado *‘é por isso também que me faz lembrar um país’*.

É flagrante a progressiva desvitalização das representações do Eu e do Outro, e do Eu-Outro intersubjectivo, ao longo desta sequência de respostas que destapa a impossibilidade de contenção, já que a *barreira de contacto* é abolida pela força dos elementos beta que não encontram a contenção da *função alfa*, pela ausência de um continente receptivo que os alfabetize, tornando-os aptos a serem pensados e re-significados. O *espaço potencial* é então anulado, não permitindo a reconstrução intersubjectiva.

Cartão VIII

18) Este cartão marca o início do contacto com os tons pastel, havendo a partir deste um forte apelo à comunicação e à troca associadas ao mundo das emoções e dos afectos, implicando assim um mergulhar na vivência e na expressão emocional que beneficia os movimentos regressivos. Será então analisada a forma como Cyril vivencia as suas experiências psíquicas, se lhe é possível aceder ao seu mundo interno (e externo) pela ressonância emocional, em busca de uma construção elaborada, simbolizada e re-significada que dê sentido ao caótico da mancha Rorschach, aos elementos beta provenientes do contacto entre subjectividades, pondo à prova as suas possibilidades de mobilização da *função alfa*. Será dada especial atenção à forma como Cyril utiliza ou não o Outro, a mancha Rorschach, para proceder a uma reelaboração e a uma re-significação da relação que estabelece consigo próprio, no âmbito intra-subjectivo, e da relação que estabelece com o Outro, num contexto intersubjectivo, tendo a mancha (ou não) o valor de um terceiro intersubjectivo passível de mediar as trocas mútuas necessárias à reconstrução criativa.

No primeiro contacto com o cartão, Cyril verbaliza um comentário de observação da cor, '*Gosto muito das cores. Ah! Sim, lembro-me disto*', que poderá denotar possivelmente um momento de *ressonância emocional* face ao Outro e ao encontro Eu-Outro, que dá conta da influência da *capacidade de rêverie* num movimento de imersão na intersubjectividade em busca de uma imagem-conceito dotada de sentido pessoal. Verifica-se então, nesta construção projectiva ('*dois pequenos animais, mamíferos, digamos assim tipo ratinho ou qualquer coisa assim*'), uma apreensão perceptiva em grande detalhe, contida na delimitação formal adequada, e associada a um conteúdo animal banal (D F+ A Ban). Tal construção permite-nos constatar a presença de uma *barreira de contacto* operacional na sua função de diferenciação entre o Eu e o Outro, mas no entanto demasiado rígida e impermeável, não viabilizando os processos de ligação comunicação mútua, necessários ao encontro e recriação intersubjectiva.

Observamos que, no confronto com o caótico, desorganizado e sem sentido da mancha Rorschach, Cyril torna-se capaz de se apropriar, organizar, integrar e simbolizar a experiência psíquica intersubjectiva, pelo recurso à *função alfa*, que enceta a existência e utilização de um *espaço potencial* fecundo e simbolizante.

19) Num segundo momento de contacto com o estímulo vê-se um movimento regrediente que dá conta da impossibilidade de diferenciação na relação intersubjectiva, culminando numa interpenetração entre Eu-Outro, pela dominância da fantasia sobre a realidade, resultante da invasão fantasmática maciça. Constatamos assim que Cyril faz uma apreensão em grande detalhe, na qual o conteúdo fantasmático aparece desprovido de continente e de delimitação formal adaptada, o que se traduz na deformação do percepto, estando este associado a um conteúdo anatómico, portador da interpenetração Eu-Outro vivida aquando da experiência psíquica (D F- Anat).

Observamos que a *barreira de contacto* é rompida pela força da invasão fantasmática, dando lugar à confusão e à interpenetração entre interno e externo, entre o Eu e o Outro, já que a realidade, o Outro, a percepção e o externo é dominada e contaminada pelos elementos da fantasia, do Eu, da projecção, do interno, condenando assim qualquer possibilidade de ligação e comunicação mútua, pela não existência de um *espaço potencial* mediador. O carácter invasivo da relação intersubjectiva, resultante da excessiva porosidade das fronteiras entre o Eu e o Outro, parece tomar conta das subjectividades individuais, dominando-as, confundindo-as e deturpando-as, o que é expresso por Cyril não só através do conteúdo anatómico deformante que denota, por si só, a invasão fantasmática maciça, como também no inquérito dos limites, sob o enunciado '*esófago... poderíamos encontrá-lo um pouco por todo o lado*'. De notar que após esta construção projectiva, o cartão é manipulado ansiosamente como que manifestando a vivência de angústia psíquica decorrente da expressão de um conteúdo não nomeável, de um elemento beta sem sentido que não encontrou continente, ficando aquém da alfabetização simbolizante.

20) Num terceiro momento de contacto com o estímulo, constatamos que Cyril parece ter recuperado da vivência psíquica de impossibilidade de integração, elaboração e simbolização da experiência intersubjectiva anterior. Num movimento progrediente, procede agora a uma apreensão em grande detalhe, da qual o conteúdo '*objecto*' surge contido na delimitação formal adequada (D F+ Obj).

Desta forma, é assegurada a diferenciação entre o mundo interno e o mundo externo, que permite a comunicação e a troca mútua e criativa entre subjectividades distintas que se reconhecem e reconstroem na interacção intersubjectiva. Constatamos que a *barreira de contacto* opera a efectiva diferenciação e ligação entre as subjectividades que se encontram, no recurso à *função alfa* que viabiliza o processo de integração, elaboração e simbolização da experiência psíquica intersubjectiva. De frisar que a originalidade da imagem-conceito fornecida (*'hovercraft'*), em conjunto com a sua efectiva adaptação formal ao percepto, poderá reenviar-nos para a actividade da *rêverie*, já que, através de ressonância emocional, Cyril pode imergir no seu mundo interno e no contacto Eu-Outro, em busca de uma resposta dotada de participação pessoal, com elementos comuns ao imaginário e à realidade, ao Eu e ao Outro, ao mundo interno e ao mundo externo, num compromisso mútuo que respeita e preserva as subjectividades individuais, ao longo do trabalho mental criativo.

Cartão IX

21) Este cartão é tido como a prancha intra-uterina, pela forte solicitação à regressão e aos fantasmas do nascimento, pelo apelo ao contacto intersubjectivo no âmbito do feminino-materno induzido pelos tons pastel, pondo à prova a possibilidade de reconstrução e de re-significação da representação do Eu e do Outro, no contexto da troca intersubjectiva. Num primeiro contacto com o estímulo, Cyril procede a um *movimento de recuo brusco* que denota, de imediato, o impacto causado pelo conteúdo latente do cartão na vivência subjectiva e intersubjectiva da relação. Posteriormente faz uma apreensão em grande detalhe, que carece de delimitação formal e surge associada a um conteúdo de objecto (D F+/- Obj). Constatamos portanto que a imagem projectada (*'um tipo de máscara ao meio'*) releva de um modo de relação intersubjectiva centrado na protecção do Eu face ao Outro, no mesmo sentido de reforço dos limites, pelo medo da perda da identidade subjectiva.

Observamos que a *barreira de contacto* entre o interno e o externo está fragilizada na relação entre subjectividades, denotando-se a porosidade dos limites que não permite efectiva diferenciação e definição entre o Eu e o Outro, sob a ameaça da interpenetração e da confusão intersubjectiva. A permeabilidade excessiva da *barreira de contacto* não autoriza a existência de um *espaço potencial* para a elaboração da experiência mental, uma vez que a identidade subjectiva fica em risco de dispersão num continente instável, difuso e indefinido que obriga à utilização da *'máscara'* como reforço fronteiriço estanque, como protecção dos limites que impede a ligação e a troca com o Outro, pelo receio de se diluir neste.

É de notar ainda o enfoque dado aos ‘olhos’ e à ‘*espada ao meio*’, que parecem reflectir angústias de nível persecutório, consonantes com a atitude de extrema protecção face ao Outro e ao contacto Eu-Outro, já referida. Perante um estímulo que, nas suas qualidades perceptivas de gradação de cor e difusão das fronteiras delimitadoras, põe à prova a capacidade de diferenciação entre subjectividades, verificamos que Cyril não é capaz de efectuar a separação e a diferenciação entre o Eu e o Outro, fornecendo uma imagem-conceito ‘*um tipo de máscara ao meio*’ que reflecte esta dificuldade de separação, pondo a tónica na indefinição e na imprecisão de ‘*um tipo*’ de objecto uno e protector, a ‘*máscara*’, portadora da angústia de separação latente no enfoque dado ao ‘*meio*’.

22) Num segundo momento de contacto com o estímulo, Cyril parece prosseguir a sequência projectiva num mesmo sentido de protecção face ao Outro e à ligação Eu-Outro que acentua o carácter invasivo da relação intersubjectiva. Esta representação da relação parece ser tida como potencial meio de ataque à subjectividade própria que corre o risco de ser invadida e aniquilada e, portanto, deve ser encarada de uma forma defensiva e proteccionista, o que parece estar bem colocado na imagem projectada ‘com um *osso* ou uma *espada à frente*’, na medida em que a vertente anatómica do conteúdo nos remeteria para o risco de invasão que, por sua vez, justificaria a ‘*espada à frente*’ na sua necessidade de protecção face à relação.

Verifica-se, neste receio de contacto intersubjectivo, uma apreensão em grande detalhe que, apesar de apresentar uma delimitação formal adequada ao percepto, parece remeter-nos para uma *barreira de contacto* inoperante, que ganha o destaque de não diferenciação pela associação a um novo objecto que se vê perdido e diluído na indefinição e na ambiguidade, entre a vulnerabilidade interna do conteúdo anatómico ‘*osso*’ e a protecção externa do conteúdo objecto ‘*espada*’, entre as profundezas da interioridade e a dureza defensiva face à exterioridade (D F+ Anat/Obj). Salienta-se que o enfoque dado aos ‘olhos’, no inquérito dos limites, parece atribuir um carácter persecutório à sua representação de relação intersubjectiva, reforçando assim a sua necessidade de protecção e a sua atitude de alerta no contacto entre subjectividades. A par disto, não há um *espaço potencial* mediador do contacto intersubjectivo, pela não diferenciação entre interno e externo, entre o Eu e o Outro, patente na ambiguidade do novo objecto ‘*osso/espada*’.

23) Num terceiro contacto com o estímulo, Cyril prossegue num movimento sequencial que dá conta da desvitalização progressiva ocorrente entre subjectividades, aquando da relação Eu-Outro.

É gritante a forma como a relação intersubjectiva e as respectivas subjectividades são a princípio enunciadas sob a imagem-conceito '*dois miúdos*', e rapidamente se desvanecem, desvitalizadas aquando do contacto intersubjectivo, acabando entorpecidas e desumanizadas nos '*dois fantasmas*' e, finalmente, retorcidas nos '*lobisomens*', posteriormente clarificados como '*mortos-vivos e monstros*'. Observamos, nesta construção projectiva, uma apreensão em grande detalhe que, apesar de apresentar a delimitação formal adequada ao percepto, não parece sustentar a operacionalidade da *barreira de contacto*, na medida em que não existe uma efectiva diferenciação entre o mundo interno e o mundo externo, capaz de estabilizar e definir a permanência do novo objecto projectivo (D F+ (H)).

Podemos ver que a representação da relação intersubjectiva emerge de uma forma instável e mutante, acabando por desaparecer, já que a fraca delimitação não consegue assegurar a permanência do novo objecto, o que é claramente evidenciado sob o comentário '*não vejo grande coisa neste desenho*'. Cabe neste seguimento apontar o carácter qualitativo da representação em causa que deixa antever a impossibilidade de colocar a relação intersubjectiva a um nível realista, completo e vitalizado, na medida em que a representação da relação só se pode manifestar no plano do irreal entorpecido e sem vida (*mortos-vivos, monstros*). Com base na associação a um jogo de vídeo (*Donjon e Dragão*) da vida pessoal de Cyril, feita no inquérito dos limites, e ainda na qualidade indiferenciada da construção projectiva em causa, talvez possamos considerar que o plano do imaginário, da fantasia interna, terá dominado e deturpado o plano da realidade perceptiva, que ficou submersa na invasão fantasmática. Concluimos assim que o abolir da *barreira de contacto* não autoriza a criação e o recurso a um *espaço potencial* mediador que faça a ligação e a comunicação entre subjectividades, entre o Eu e o Outro.

Cartão X

Este é considerado o cartão da dispersão que atesta a capacidade de unificação, num contexto regressivo que reenvia ao fantasma da separação, sendo aqui dada especial atenção à forma como Cyril encara o momento de saída da relação intersubjectiva, da situação relacional e projectiva. Observamos que Cyril apronta-se logo à verbalização de um comentário que denota alguma reactividade ao impacto do cartão, provavelmente decorrente da diversidade de cores e elementos contidos no mesmo (*Gosto muito deste...há imensas coisas, isto faz-me pensar numa espécie de mini-universo*).

A associação ao ‘*mini-universo*’, contextualizada num estímulo que se destaca pela sua dispersão, pode reenviar para uma necessidade de delimitação, um apelo à contenção de uma subjectividade que transborda um turbilhão de afectos e emoções que clamam por um continente acolhedor, estabilizador e estruturante.

24) No primeiro contacto com o cartão, Cyril empreende num movimento progrediente, ao proceder a uma apreensão em grande detalhe que se revela contida pela delimitação formal adequada, e associada a um conteúdo animal (D F+ A). Verifica-se portanto que a *barreira de contacto* opera aqui a diferenciação entre subjectividades semelhantes e distintas, autorizando a ligação e a troca mútua na relação intersubjectiva. Desta forma, o conteúdo animal emerge na sua contenção, assim organizado, integrado e simbolizado pela *função alfa* que dá sentido à vivência psíquica da relação intersubjectiva, no *espaço potencial*, mediador relacional entre o Eu e o Outro, entre o interno e o externo, no qual nasce o símbolo. Contudo, não podemos ignorar a qualidade da imagem-conceito (‘*dois caranguejos*’), no seu carácter protector e delimitante de uma carapaça que parece ter o valor de reforço da fronteira, dos limites entre subjectividades, impedindo o envolvimento criativo no contacto intersubjectivo.

25) Num segundo contacto com o estímulo, Cyril faz um movimento progrediente, detentor de considerável valor relacional e representativo de abertura e sensibilidade à relação intersubjectiva, pela diversidade de determinantes, encontrada nesta produção. Assim, verifica-se uma apreensão em grande detalhe, determinada e contida pela delimitação formal adequada que alberga um conteúdo alimentar, secundariamente determinado pela cor e, ainda, com uma tendência para o esbatimento (D FC Alim).

Desta construção, se depreende todo um processo de transformação e simbolização psíquica bastante rico e elaborado, já que a influência da cor e da tendência para o esbatimento, significantes da presença da emoção e dos afectos que emergem sob a contenção da *função alfa*, no âmbito de uma *barreira de contacto* operante, e indicam a influência da *capacidade de rêverie*, num *espaço potencial* fecundo, que actua pela via da *ressonância emocional* e da *receptividade* ao meio, resultando numa imagem projectiva criativa que compreende uma dialéctica entre mundo interno e mundo externo, entre fantasia e realidade, Eu e Outro, onde ambos os pólos se encontram diferenciados, permeáveis e em comunicação recíproca, num compromisso mútuo de atribuição de sentido pessoal subjectivo e criativo.

26) No terceiro contacto com o estímulo, Cyril parece deixar-se levar num movimento regrediente que se destaca pela fragilidade da barreira de contacto, entendida na medida em que o impacto do sensorial ('sóis') e, portanto, das emoções e afectos emergentes, prima sobre a delimitação formal do percepto, o que vem debilitar a função da *barreira de contacto*. Verifica-se, portanto, uma apreensão em grande detalhe, determinada primariamente pelo factor sensorial e, secundariamente influenciada pela delimitação formal, estando ainda associada a um conteúdo de natureza (D CF Nat).

A *barreira de contacto* encontra-se porosa e difusa, não conseguindo operar a efectiva contenção, mas autoriza uma possibilidade de contacto intersubjectivo ténue e superficial, já que a excitação emocional supera a contenção perceptiva. A experiência psíquica intersubjectiva fica assim mal organizada e fracamente integrada pela porosidade da *barreira de contacto* que tenta impedir uma vivência subjectiva de difusão. A *função alfa* não parece conseguir, pela fraca delimitação da função continente, à margem de ser rompida, dar sentido aos conteúdos emergentes, organizá-los e integrá-los num todo coerente e simbolizado, e o *espaço potencial* fica reduzido a uma membrana porosa e fragilizada que se encontra no limite da difusão psíquica.

27) Num terceiro contacto com o estímulo, verificamos que Cyril faz um movimento progrediente, ao proceder a uma apreensão em grande detalhe que se revela contida pela delimitação formal adequada, e associada a um conteúdo animal (D F+ A). Observa-se portanto que a *barreira de contacto* serve a diferenciação permeável entre subjectividades, autorizando ainda a ligação e a comunicação mútua na relação intersubjectiva. O conteúdo animal ('*um pássaro*') emerge na contenção devida, organizado, integrado e simbolizado pela *função alfa* pensante que elabora a vivência psíquica da relação entre subjectividades, no *espaço potencial*, mediador relacional entre o Eu e o Outro, entre o interno e o externo, no qual emerge o símbolo portador do trabalho de pensamento e da transformação psíquica.

28) Num quarto contacto com o estímulo, observamos um movimento regrediente que se destaca pelo corromper da barreira de contacto, estrutura psíquica que assegura a diferenciação entre o mundo interno e o mundo externo, entre o Eu e o Outro, no âmbito da relação intersubjectiva. Assim, damos conta que Cyril faz uma apreensão em grande detalhe, determinada pela cinestesia maior, e associada a um conteúdo humano irreal (D K (H)). Desta construção, constata-se que a *barreira de contacto* não serve o propósito diferenciador entre o Eu e o Outro, condenando a possibilidade de ligação e comunicação.

No abolir da *barreira de contacto*, o *espaço potencial* é ausente e dá-se predominância da projecção sobre a percepção, da fantasia sobre a realidade, na interpenetração Eu-Outro que impede a reconstrução criativa. Tal é evidenciado no carácter arbitrário da cinestesia maior (*‘espécie de homem que voa com as suas asas’*), revelado na medida em que a imagem projectada não guarda semelhanças com o percepto, para além da cor verde, única e ténue ponte de ligação entre o percepto e a projecção. Daí notamos que esta cinestesia carece da contenção formal que preservaria o contacto com a realidade, com o Outro diferenciado, sendo introduzida apenas pela influência do sensorial, pela presença da emoção e do afecto que permanecem dispersos, em busca de um continente que os albergue e signifique, e assim inacessíveis à *função alfa*.

29) Finalmente, no último contacto com o estímulo, Cyril não consegue recuperar a funcionalidade da barreira de contacto, permanecendo num registo indiferenciado entre mundo interno e mundo externo, numa interpenetração Eu-Outro, que não autoriza qualquer possibilidade de dialéctica mental construtiva. Assim, é feita uma apreensão em grande detalhe, sem a contenção da delimitação formal perceptivamente adequada que dá origem a uma deformação do percepto, que surge associada a um conteúdo animal sobrenatural e lendário (D F- (A)). Entende-se assim que a invasão fantasmática maciça apoderou-se da fronteira e do espaço intersubjectivo, ao anular a *barreira de contacto*, não autorizando portanto qualquer diferenciação entre subjectividades, pelo que pensamos ter-se dado um colapso da dialéctica mental que condena a hipótese de elaboração simbólica criativa.

Os elementos beta caóticos irrompem no contacto intersubjectivo, resultando numa imagem-conceito *‘Minotauro...o torso com armações de veado na cabeça’* que parece denunciar a invasão fantasmática, perante uma imagem fálica, onnipotente e potencialmente destrutiva, não havendo função continente para estes conteúdos que emergem dispersos, no caos e sem sentido, na desorientação do não nomeável. O *espaço potencial* é abolido na indiferenciação que impede a dialéctica mental, pelo que o conteúdo emergente fica aquém de ser pensado e elaborado pela *função alfa*, porque ainda se encontra perdido na dispersão beta caótica, em apelo a um continente delimitador capaz de o albergar, integrar e simbolizar.

Resp. Adic.) No inquérito dos limites, Cyril fornece uma resposta adicional que destapa a mesma interpenetração Eu-Outro evidenciada nesta última construção projectiva. Assim, é feita uma apreensão em grande detalhe que, novamente carece da contenção da delimitação formal adequada que dá lugar a uma deformação do percepto, e estando ainda associada a um conteúdo humano irreal, sobrenatural (D F- (H)). A invasão pulsional cuja força da projecção rompe a *barreira de contacto* resulta na interpenetração Eu-Outro, no predomínio da fantasia sobre a realidade (Ogden, 1985), na submersão da percepção pela projecção, dá conta do carácter interpretativo, arbitrário e delirante do novo objecto construído. Identificamos portanto a projecção de uma imagem-conceito (*‘uma cabeça...um monstro’*), da qual se ressalta a quebra da diferenciação que dá lugar à confusão Eu-Outro, ficando a partir daí, impossibilitada a existência de um *espaço potencial*.

Resp. Adic.) De seguida e ainda no inquérito dos limites, Cyril fornece uma outra resposta adicional que, contrariamente às produções anteriores releva de um movimento progrediente que se caracteriza pela recuperação da *barreira de contacto*, sendo agora possível a efectiva diferenciação entre mundo interno e mundo externo, essencial ao estabelecimento do espaço potencial enquanto mediador dos processos de comunicação intersubjectiva. Desta forma, constatamos uma apreensão em grande detalhe, contida na delimitação formal adequada, e associada a um conteúdo *‘planta’* (D F+ Pl), sendo este organizado, integrado e simbolizado pela *função alfa* que permite a contenção da vivência psíquica intersubjectiva, no *espaço potencial*, mediador relacional entre o Eu e o Outro, entre o interno e o externo, onde emerge o símbolo, portador do trabalho de pensamento e de transformação.

Análise do Psicograma

Este protocolo destaca-se, antes de mais, pelo número de respostas fornecidas (29), já que, uma vez situado o valor normativo entre as 20 e as 30 respostas, estamos perante uma situação projectiva bastante investida enquanto solicitação relacional intersubjectiva, na qual há grande facilidade associativa que se expressa nas produções quantitativamente abundantes. Relativamente aos modos de apreensão, verificamos que as respostas globais (45%) são, por vezes, intercaladas com respostas em grande detalhe (55%), num tipo de apreensão que se inicia global, particularizando-se posteriormente na apreensão em grande detalhe, nomeadamente nas sequências de respostas ao cartão II, III, V e VII, o que dá conta de uma atitude de exploração, de procura e de conhecimento, tanto do Eu como do Outro e da relação intersubjectiva, que nos reenvia não só para a presença da *função alfa* enquanto mecanismo de integração e elaboração da experiência psíquica, como também para uma *actividade da rêverie*, ainda que incipiente. A apreensão em D revela ainda de uma conduta de investimento com vista ao conhecimento exploratório, indicando a possibilidade de imersão, na própria subjectividade e na do Outro, e na intersubjectividade Eu-Outro, em busca de mentalização.

As abordagens perceptivas globais desaparecem por completo aquando da introdução dos cartões pastel, particularmente sensíveis ao modo de relação que é estabelecido com o Eu e com o Outro e com o Eu-Outro intersubjectivo pelo enfoque dado às emoções e aos afectos, a partir dos quais dá-se uma apreensão exclusivamente em grande detalhe (D). Tal mudança poderá indicar um reforço dos mecanismos de controlo, necessário pelo aumento de excitação sensorial causado pelas solicitações simbólicas dos cartões.

A gradação de cor associada à fragilidade dos limites entre o Eu e o Outro poderá, numa subjectividade em risco de dispersão, dificultar a tarefa de ligação, integração e união numa resposta globalizante, restando a Cyril optar por uma abordagem pormenorizada, com menor risco de difusão ou confusão intersubjectiva. A formalização perceptiva (F%) encontra-se dentro dos valores normativos (60%), assim como a percentagem da boa qualidade formal (71%), o que ainda assim não assegura a contínua operacionalidade da *barreira de contacto*, uma vez que na análise da qualidade da resposta determinada pelo factor formal, verificamos que, em maioria, o continente revela-se precário e instável nas suas fronteiras facilmente rompidas, pela presença de conteúdos híbridos e anatómicos que põem em causa a função de delimitação da *barreira de contacto*.

Constatamos portanto que o recurso repetido aos determinantes formais demonstra os esforços de enquadramento, de dar formas continentais, enquanto por outro lado surgem emergências sensoriais que traduzem a extrema permeabilidade ao material, nas quais a formalização vê-se pouco presente, como é o caso das respostas CF e das respostas C puras que são directamente ligadas a conteúdos ‘sangue’, numa correspondência instantânea e crua. Observa-se ainda a presença de duas respostas FC que nos remetem para o continente bem delimitado, sensível à realidade externa e alfabetizante. No mesmo sentido, a resposta FE de textura, assim como as três respostas com tendência para o esbatimento, revelam de uma disponibilidade relacional e sensibilidade ao Outro e à relação intersubjectiva, reenviando-nos para a possibilidade de usufruir de um *espaço potencial* enquanto terreno fértil de elaboração da experiência psíquica intersubjectiva e ainda para uma incipiente *capacidade de rêverie* que permite sonhar o Eu e o Outro, assim como o Eu-Outro em relação.

Verificamos ainda que, das cinco cinestésias maiores (K), apenas duas relevam de boa qualidade formal, apesar de que mesmo nestas, a *barreira de contacto* ainda se revela ora frágil, pela confusão identitária presente no conteúdo híbrido, ora intransponível pela banalidade associada que denota a superficialidade da abordagem ao desconhecido. Tal permite-nos inferir grandes dificuldades de identificação com um Outro, simultaneamente semelhante e distinto, pondo em causa a capacidade de Cyril para se reconhecer como inteiro, com uma identidade subjectiva própria. As cinestésias de boa qualidade formal, dadas face aos cartões relacionais II e III, indicam contudo uma sensibilidade ligeira à simbólica latente, já que traduzem imagens com uma leve ressonância emocional, favorável à mentalização.

A percentagem de conteúdos humanos é de 28%, valor superior ao da frequência normativa (12% – 18%), devendo ser analisado uma vez que, dos sete conteúdos humanos, quatro representam figuras humanas irrealis, sobrenaturais ou lendárias (H). Tal evidência não pode ser tida enquanto medida indicativa de um mundo fantasmático rico e criativo, uma vez que os conteúdos (H) representam a maioria das respostas humanas, o que mais parece indicar uma *impossibilidade de assumir uma identidade subjectiva* completa e realista, no âmbito da relação intersubjectiva. Por outro lado, os conteúdos animais assumem uma incidência de 31%, valor enquadrado na frequência normativa (30% – 45%) que nos permite concluir, em conjunto com as cinco banalidades do protocolo, que Cyril preserva uma relação com o mundo da realidade concreta partilhada e socializante.

Salientamos ainda que a ausência de recusas e de choques ou de equivalentes de choque leva-nos a considerar a possibilidade de mobilização da *função alfa* que, por sua vez, permite a Cyril usufruir de uma função de contenção face ao impacto da desorganização (mancha de tinta). Paralelamente, a presença da observação de cor, assim como o aumento do número de respostas nos cartões pastel, poderão indicar a acção de uma *capacidade rêverie*, ainda que precária e incipiente, na receptividade ao meio evidenciada.

Não podemos deixar de fazer menção à factura patológica deste protocolo, realçando em especial duas respostas que bebem das fontes mais arcaicas do psiquismo, tendo uma delas uma apreensão global com interpretação do detalhe branco (Gbl), destacando o investimento na falta identitária e a inversão figura-fundo que nos atenta para a precaridade do continente, para a indefinição e carência de delimitação de uma identidade subjectiva que se revela instável e fragilizada no contacto intersubjectivo. A resposta dada pela apreensão em D/G releva de uma contaminação perceptiva que nos remete invasão fantasmática que esteve na base da quebra dos limites, resultando na interpenetração Eu-Outro.

8. Discussão

O encontro entre real e imaginário é possível e necessário se a utilização do *espaço potencial* poder ser actualizada no momento intersubjectivo que toma lugar aquando da aplicação da prova Rorschach. A capacidade de se situar no entre-dois assinala um espaço, lugar de projecção da psique cuja tópica constitui a essência do sentimento de continuidade. A situação projectiva é susceptível de mobilizar um trabalho que se aparenta ao trabalho transitivo, na medida em que a mancha de tinta é identificada como objecto próximo do real, mas investida de sentido original, sendo porta-voz de encenações fantasmáticas, de redes de representações e de afectos cuja qualidade pessoal, inscrita no registo da ilusão, confere ao material percebido a marca única do sujeito. Quando o *espaço potencial* se manifesta entre o subjectivo e o objectivo, campo da ilusão sustentado por um paradoxo aceite e respeitado, instaura o “*campo neutro de experiência*”, espaço potencial de dialéctica (Chabert, 2000).

Compreendemos assim, uma vez analisados os resultados e reunidos numa perspectiva integrativa, que Cyril parece situar-se aquém do *espaço potencial*, tendo sido este já definido como uma zona intermediária entre a realidade psíquica, pessoal e interna, e a realidade externa ou compartilhada, entre a projecção/fantasia e a percepção/realidade (Ogden, 1985), entre a representação do Eu e a representação do Outro (Grotstein, 2003). A título global, constatamos que Cyril manifesta representações de objectos instáveis, precários, difíceis de se estabelecerem num *espaço potencial*, pela recusa da dupla pertença ao sonho e ao real. Para além da transitividade constitutiva de um espaço de troca, a cena psíquica serve de suporte à manifestação de encenações cujo sentido sabemos alimentar a qualidade simbólica dos conteúdos associados. O reconhecimento da falta de objecto, ou de uma subjectividade sólida e delimitada tem em Cyril a marca dos acasos, numa dinâmica original que dá conta, por um lado, da utilização ora estanque e intransponível, ora porosa e excessivamente permeável, dos limites entre o interno e o externo e, do mesmo modo, do investimento das relações entre esse interno e externo, no seio de um sistema de comunicação intersubjectiva. Os funcionamentos limite apresentam, como sabemos, dificuldades patentes nas suas capacidades de contenção da experiência psíquica, pela precaridade de uma *função alfa* capaz de alfabetizar os elementos beta emergentes, que se justifica pela ausência de um continente estável, estruturante e bem delimitado. Daí vemos que as capacidades de ligação pulsional são mais precárias e aleatórias, uma vez que as possibilidades de conter a excitação pulsional são descontínuas e arrastam mecanismos defensivos heterogéneos que, como vimos, perturbam a manutenção da dialéctica mental entre realidade e fantasia, condicionando assim o encontro intersubjectivo.

Compreendemos também, através da análise minuciosa do protocolo de Cyril, que os movimentos pulsionais são dificilmente integrados e que os seus valores agressivos se revelam maciços e muitas vezes invasivos, culminando na interpenetração intersubjectiva, na quebra da dialéctica mental que dá lugar à invasão fantasmática, à inundação do mundo interno subjectivo que arrasta consigo a deformação e a deturpação da realidade perceptiva, movimento de confusão entre os pólos da dialéctica mental que resulta nas construções arbitrarias e delirantes, evidenciadas ao longo do protocolo. Esta fragilidade e porosidade dos limites intersubjectivos que está na base da ameaça de interpenetração entre subjectividades remete-nos para outra questão, relacionada com as modalidades de relação intersubjectiva, sendo estas desenhadas sob moldes defensivos singulares que revelam um apego extremado ou uma dependência do Outro, do mundo externo, pólo da dialéctica mental que tem de ser hiper-investido, num sentido de ancoragem defensiva, para atenuar as faltas provenientes do mundo interno, insuficientemente sólido porque continuamente posto em perigo pelos ataques destrutivos que emergem do interior e ameaçam o sentimento de continuidade narcísica, assim reforçando o carácter intensamente excitante do externo que domina e manipula o interno.

O Outro, bem como a relação intersubjectiva, constituem assim um pólo de atracção considerável, mas a hipersensibilidade aos seus efeitos excitantes e desestabilizadores aparece nas reacções de ódio que marcam a interpenetração intersubjectiva, de onde se desenha um ciclo vicioso que se repete no decurso dos acontecimentos psíquicos, na medida em que os ataques agressivos e destrutivos emergem de rompante, fragilizando as subjectividades que se vão tornando cada vez mais inseguras e insuficientemente defensoras.

Verificamos que o protocolo de Cyril, apesar de tendencialmente lábil, na evidente facilidade de invasão pulsional decorrente da fragilidade da *barreira de contacto* que resulta num excessiva reactividade ao estímulo, apresenta-se ainda por vezes rígido, reflectindo as exigências de controlo interno que nos despertam a atenção pela inibição da *ressonância fantasmática emocional* que acarretam, indicando grandes dificuldades no uso da *capacidade de rêverie*, que só pode ser tida pontualmente e sob uma qualidade de precária incipiência. Em contraponto com este registo de retraimento interno subjectivo, observamos a contrastante expressão de uma intensa pressão interna, brutalmente expressa face às exigências perceptivas da realidade externa, objectal e relacional, de onde se realça uma inabilidade para investir o externo em profundidade, decorrente da impossibilidade de reconhecimento do próprio como sujeito inteiro e diferenciado, detentor da sua própria subjectividade devidamente assegurada.

Cyril parece investir fortemente na situação projectiva enquanto situação relacional, o que terá elevado a produtividade, abundante, mas muito comprometida subjectivamente e demasiado projectiva. A situação relacional com o clínico surge investida no próprio discurso de Cyril, através da procura de suporte e anáclise que traduz o apoio sobre o material do teste enquanto pedido de amparo, visível nos seus comentários adicionais (*‘Gosto muito das cores. Ah! Sim, lembro-me disto’*, resposta 18 no cartão VIII e; ainda, *‘Gosto muito deste. Há imensas coisas, isso faz-me pensar numa espécie de mini-universo’*, resposta 24 no cartão X).

Observamos que o teste é investido na sua qualidade de real externo, como um ecrã protector em relação aos movimentos internos que ameaçam invadir a sua subjectividade e a relação intersubjectiva, servindo como uma muralha que visa amortecer os efeitos excitantes da relação entre dois intersubjectiva, o que se manifesta nas respostas globais perceptivamente adaptadas, com a referência socializante banal associada, destacadas pelo forte retraimento do interno subjectivo, resultando este num conformismo perceptivo defensivo.

No protocolo de Cyril, podemos ver que a função de contenção é sustentada de forma precária e descontínua, já que as falhas decorrentes da não interiorização de um continente alfabetizante arrastam os efeitos do excesso ou da insuficiência desta função, na extrema porosidade ou rigidez da *barreira de contacto*, uma estrutura psíquica que deve apresentar características de diferenciação mas também de permeabilidade e de sensibilidade, a fim de assegurar a separação, mas também a ligação e a comunicação entre o mundo interno/externo, real/imaginário (Symington & Symington, 1999). Daí compreendemos a emergência invasiva das angústias pulsionais que deriva da falta de contenção, estando estas presentes ao longo de todo o protocolo de uma forma relativamente descodificável. Podemos identificar, neste âmbito conflitual, a presença de uma angústia paranóide, exemplarmente identificada nas respostas 21 e 22 ao cartão VIII (*‘vejo um tipo de máscara, com os olhos e uma espada ao meio’* e *‘com um osso ou uma espada à frente’*), e de uma angústia de perda do objecto, ou dito de outra forma, de perda de uma parte da sua subjectividade, também identificada na resposta 4 ao cartão I (*‘monstro terrífico com os olhos em branco, a boca, um sorvedouro quase com a mandíbula que está incompleta...aqui faltaria uma outra parte’*), que justificam a necessidade de reforço da função de contenção, com recurso ao externo, sendo esta geradora do retraimento do mundo interno subjectivo, sem possibilidade de usufruto de uma *função alfa* interiorizada na continuidade do continente alfabetizante que permitiria a expressão e livre utilização do mundo interno subjectivo pela capacidade de manutenção da dialéctica mental num equilíbrio harmonioso e conciliador entre fantasia e realidade (Ogden, 1994).

Desta forma, entendemos que função de individuação entre subjectividades está mal assegurada, ameaçando Cyril com a iminente invasão fantasmática e confusão intersubjectiva que põe em curso um sentimento de perda da identidade subjectiva pelo vago dos limites que desencadeia eventuais vivências psíquicas de estranheza e inquietação (*‘a Córsega e a França deformada...a rebelião, o movimento separatista desdobrado’*, na resposta 7 ao cartão II, e *‘Dois miúdos, fantasmas ou lobisomens...não vejo grande coisa neste desenho...miúdos? Sim, mas não os vejo muito bem, seria mais um rosto com uma espécie de mão’*, na resposta 23 ao cartão IX, a título de exemplificação).

Cyril exhibe um espaço psíquico cujos limites instituídos pela *barreira de contacto* se revelam frágeis e precários pela porosidade que os acomete, num contexto relacional de não-diferenciação, verificando-se por vezes uma confusão entre estas dialécticas no contacto intersubjectivo. A intensidade pulsional, que emerge por vezes de forma arrebatadora e sem contenção possível, parece dificultar os processos de comunicação e negociação entre mundo interno e externo, pois a frágil delimitação da *barreira de contacto* e a precaridade da *função alfa* que nem sempre autoriza a integração e elaboração da experiência psíquica.

A falta de um continente estável com limites bem definidos desmonta uma invasão fantasmática que se expressa de forma maciça, culminando na difusão do mundo interno subjectivo que inunda o mundo externo concreto, deturpando-o em movimentos de conotação arbitrária e delirante, revelando a interpenetração Eu-Outro que toma posse da experiência psíquica. A dificuldade ou precaridade dos processos de ligação que permitiram assegurar a contenção da excitação pulsional, prova o carácter frágil das suas operações de interiorização.

Os objectos externos são sempre ameaçados de apagamento ou de desaparecimento, o que arrasta uma falta de confiança nas relações intersubjectivas e leva a que a proximidade e a permanência da ameaça de perda impregnem as modalidades de investimento relacional. Do lado do impacto intersubjectivo, observa-se um duplo registo, o que estabelece e protege as fronteiras que se quereriam estanques em relação ao estímulo, o que prova um estrago dessas fronteiras no momento em que coloca em evidência a projecção maciça de movimentos pulsionais internos. As representações das relações intersubjectivas mostram uma dupla polaridade, daí que existe um forte apego dependente do meio externo, havendo ainda uma outra que dá conta de manifestações agressivas que consagram tentativas arrebatadas para alcançar uma diferenciação e uma separação do Outro, no âmbito relacional.

A dependência do Outro, do mundo externo, faz-se presente enquanto modalidade relacional intersubjectiva, aparecendo globalmente através de uma forma de apego excessivo ao meio externo, ao mesmo tempo que, nos seus aspectos tangíveis concretos da realidade externa, no Rorschach esta aparece na submissão passiva e conformista ao quadro perceptivo que assegura uma relação à realidade suficientemente satisfatória, constituindo uma forma de contra-investimento maior, sustentada pela clivagem e pela necessidade de contenção derivada do Outro real externo. Aquando da inibição do mundo interno subjectivo, denota-se uma conformidade superficial, pelicular mas muito investida que traduz a forma maciça do recurso à realidade exterior que se estabelece no lugar de uma criatividade interna desgastada.

Observamos que a não-diferenciação intersubjectiva representa o principal conflito psíquico de Cyril, verificando-se uma intensa angústia de separação que abafa, comprime e aniquila as subjectividades individuais que se misturam no contacto intersubjectivo, não permitindo por vezes a simbolização, transformação e reconstrução intersubjectiva criativa. Daí verificamos que a diferenciação é intensamente procurada pelo investimento nos limites, no reforço da fronteira Eu-Outro que se evidencia nos conteúdos de carapaça ou geográficos que, na sua rigidez e impermeabilidade, destacam uma necessidade de protecção face ao Outro e ao contacto relacional Eu-Outro, pela constante ameaça de perda ou de difusão da identidade subjectiva patente no risco de interpenetração entre subjectividades.

De notar que a formalização e a contenção da experiência psíquica, a ocorrer, parece dever-se a uma extrema rigidez da barreira de contacto, evidenciada tanto nos conteúdos de carapaça e geográficos, como nas respostas associadas à referência banal socializante que, no momento da elaboração da experiência, condena a expressão e a ressonância fantasmática, sendo as representações significativas do interno subjectivo substituídas por representações socializadas e banais, e havendo assim uma restrição da subjectividade.

Assistimos portanto a uma actuação da *função α* na elaboração da experiência psíquica mas a *capacidade de rêverie* não funciona, *grosso modo*, como elo de ligação entre mundo interno e mundo externo, uma vez que a rigidez da *barreira de contacto* impede a expressão do inconsciente. Contudo, podemos verificar pontualmente a emergência de uma *capacidade de rêverie* incipiente, que vem proporcionar alguma *ressonância emocional* ao mundo interno, a partir da qual o sujeito entra em contacto com os seus próprios sentimentos e emoções internas, que encontram correspondência aos sentimentos e emoções não-desenvolvidas do outro, pela *receptividade ao mundo externo* (Grotstein, 2003).

Face à não-diferenciação entre subjectividades, vemos que o Outro e a relação Eu-Outro aparecem nos seus moldes especulares não-diferenciados e a relação intersubjectiva é representada através sob uma aura de retraimento e de passividade conformista que se manifestam no abafar e no comprimir da subjectividade interna, no momento de encontro. Perante as características enunciadas, destaca-se a existência de uma *barreira de contacto* porosa que não assegura a suficiente separação entre mundo interno e externo, nem a contenção da experiência, acabando por comprometer a actividade de simbolização.

Verificamos que, pontualmente e de forma precária, Cyril mostra-se capaz de conter as dimensões pulsionais, mas unicamente graças ao investimento na formalização e à evocação de continentes, que arrastam consigo uma obrigação de substituição das representações internas significativas provenientes do subjectivo, por representações socializadas desprovidas de significado pessoal, denotando a falta de *ressonância emocional* e implicação subjectiva.

Aparecem também em grande número os conteúdos que remetem para o interior do corpo, aumentando o índice de angústia, e que nos reenviam para a fragilidade identitária que acomete a sua subjectividade no encontro com um Outro e na relação Eu-Outro. A utilização do corpo como metáfora de representações da psique dá conta da porosidade das fronteiras dentro/fora que, apesar de existirem na qualidade singular de uma pele psíquica extremamente permeável, são continuamente ameaçadas de dano, quer pela hipersensibilidade ao material, quer pela ressonância interna que solicita vivamente os mecanismos de projecção que, grosso modo, acabam por inundar e deturpar a realidade perceptiva.

A título de síntese, vemos que o espaço psíquico de Cyril revela grandes fragilidades nas suas fronteiras, insuficientes na contenção dos elementos da experiência, sendo portanto incapaz de fazer ressonância emocional devido à rigidez dos ou excessiva porosidade dos seus limites. A *barreira de contacto* apresenta rigidez nas suas funções, condenando a ressonância fantasmática pela extrema contenção das dimensões subjectivas, sendo a experiência psíquica elaborada no recurso a referências banais, e desprovida de implicação pessoal e significativa.

Vemos ainda que a falta de contenção de seu espaço psíquico leva a que este seja facilmente invadido, pelo que a actividade de simbolização acaba por ser comprometida. A ausência de ressonância emocional é marcante, na medida em que o retraimento e a intensa contenção da barreira não permitem o contacto com o mundo interno subjectivo, obrigando a elaboração da experiência a ser condicionada e limitada no recurso às referências socializadas, sem possibilidade de desenvolvimento e reconstrução pela via intersubjectiva criativa.

Deste modo, entendemos que não é possível a manutenção de um equilíbrio dialéctico entre ambos os pólos mentais de realidade e fantasia, verificando-se, na acepção de Ogden (1994), ora uma sobreposição e difusão da fantasia que deturpa a realidade aquando da invasão fantasmática, ora uma compressão da fantasia quando a realidade externa impera a favor da contenção psíquica, à custa do retraimento subjectivo.

Cyril vivencia assim uma impossibilidade de assumir e desenvolver uma identidade subjectiva estável, definida e diferenciada, vendo a sua subjectividade reduzida e comprimida nos moldes relacionais que o especular indiferenciado impõe. A sua vulnerabilidade interna destapa a falta de contenção da sua interioridade psíquica pela precaridade de um continente securizante que assegure a contenção e elaboração da experiência, o que inevitavelmente vem limitar a construção e a expressão da sua identidade subjectiva.

Cyril detém um funcionamento psíquico que se situa ao nível da *bidimensionalidade*, pelo reforço dos limites e investimento na delimitação Eu-Outro, que condicionam as possibilidades criativas, não exibindo as qualidades psíquicas inerentes à *tridimensionalidade* que providenciam as capacidades de contacto e envolvimento profundo, capazes de instituir o encontro intersubjectivo que apela ao desenvolvimento da psique, nas possibilidades de comunicação e de reconstrução criativa entre subjectividades (Grotstein, 2003).

Concluimos portanto que o *espaço potencial* e a *capacidade de rêverie*, para actuarem na ligação e comunicação entre mundo interno e externo, exigem uma *barreira de contacto* com características de permeabilidade e de flexibilidade, de forma a impedir a acumulação de estímulos do outro, mas também do próprio. Asseguradas estas condições, podemos então assistir ao contacto do sujeito com a sua vivência interna, de onde emergem novos objectos pela renovação da *barreira de contacto*. Estas dimensões conflituais mobilizam a intervenção de novos processos de ligação, de transformação e de simbolização, a partir dos quais decorre um processo de criação de novos objectos com novas características (Marques, 2001)

Conclusão

O interesse particular deste estudo, concretizado no âmbito dos métodos projectivos, residiu portanto na procura dos traços fantasmáticos susceptíveis de serem descobertos, os quais aparecem, nomeadamente na capacidade de Cyril em funcionar num *espaço potencial* de dialéctica intersubjectiva e ainda, nas possibilidades de usufruir de uma *capacidade de rêverie*, ainda que incipiente. No nosso entender, acreditamos que o objectivo do estudo foi cumprido, tendo sido avaliadas as possibilidades de encontro e envolvimento intersubjectivo, dentro das suas variantes condicionadas pelos mais diversos mecanismos defensivos ocorrentes no âmbito da patologia limite. Procurámos entender o sujeito limite no que concerne à sua representação de si e da relação intersubjectiva, à luz da sua singularidade e complexidade, nos seus diversos movimentos psíquicos de ligações e desligações que não se restringem ao estático, mas que se desenham em encontros e desencontros entre sujeito e objecto. Consideramos ainda que o nosso estudo foi concebido para captar os movimentos mais salutareos relativos às possibilidades de encontro e envolvimento intersubjectivo, pelo que apontamos como limitação deste estudo, a restrição da análise a um só protocolo, que se terá revelado menos proveitosa pela forte factura patológica deste protocolo, não se adquirindo espaço para serem detectados movimentos de encontro intersubjectivo profundo.

Posto isto, apelamos a novos estudos que detenham protocolos limite mais evoluídos, no sentido de se poderem captar as dimensões mais profundas do contacto intersubjectivo, como sejam a tridimensionalidade do espaço psíquico, relativa à existência e possibilidade de usufruto do terceiro intersubjectivo. Este estudo procura assim fornecer um olhar mais neutro e transparente do contacto intersubjectivo com o paciente limite que é tido, em grande parte da literatura, como sendo condicionado e fortemente limitado pelas dimensões patológicas, de onde as possibilidades relacionais evolutivas destes pacientes possam ser desconsideradas ou mal apreciadas pelos intervenientes da clínica terapêutica psicanalítica.

Finalizamos assim esta viagem ao mundo relacional intersubjectivo de um paciente limite, através da qual descobrimos, visitámos e explorámos lugares de sonho desconhecidos, observámos o despontar de uma *rêverie* incipiente que logo se esconde timidamente atrás da imponente realidade, entidade dominante e opressiva que não liberta o sonho, castra-lhe a via do devaneio, acabando este por ficar guardado, agora seguro, ou antes entravado, mas sempre submisso. Maravilhada neste caminho de lugares e esperanças várias, concluo a minha viagem reflexiva e concedo à minha orientadora toda a gratidão pela inestimável orientação.

Referências Bibliográficas

- Benjamin, J. (1995). *Like Subjects, Love Objects: Essays on Recognition and Sexual Difference*. Yale University Press.
- Bion, W. R. (1957). Diferenciação entre a Personalidade Psicótica e a Personalidade Não-Psicótica. In E.B. Spillius (Ed.), *Melanie Klein Hoje* (Vol. I pp. 69 – 86). Rio de Janeiro. Imago Editora.
- Bion, W. R. (1961). Uma Teoria do Pensar. In E.B. Spillius (Ed.), *Melanie Klein Hoje* (Vol. I pp. 185 – 193). Rio de Janeiro. Imago Editora.
- Chabert, C. (2000). *A Psicopatologia à Prova no Rorschach*. Lisboa: Climepsi (Obra original publicada em 1998)
- Chabert, C. (2003). *O Rorschach na clínica do adulto (2ª ed.)*. Lisboa: Climepsi. (Obra original publicada em 1997)
- Gavancha, S. e Marques, M. E. (2009). O conflito estético na adolescência. *Análise Psicológica*, 27(3), pp. 269-279.
- Godinho, M. Q., Marques, M. E., & Pinheiro, C. B. (2009). A expressão no Rorschach dos fenómenos transitivos e do espaço potencial na personalidade borderline. *Análise Psicológica*, 3 (27), pp. 349-363.
- Gonzalez-Rey, F. (2002). *Pesquisa qualitativa em psicologia: Caminhos e desafios*. São Paulo: Thompson.
- Grotstein, J. (1985). *A Divisão e a Identificação Projectiva*. Rio de Janeiro: Imago (Obra original publicada em 1981)
- Grotstein, J. (2003). *Quem é o sonhador que sonha o sonho? Um estudo de presenças psíquicas*. Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1981)
- Habermas, J. (2010). *O Discurso Filosófico da Modernidade*. Lisboa: Texto Editores
- Linhares, M. B., & Pinheiro, C. B. (2009). O Eu-pele no Rorschach: A sua expressão em adolescentes toxicodependentes. *Análise Psicológica*, 3 (27), pp. 307-318.

- Marques, M. E. (1994a). Do desejo do saber ao saber do desejo: contributos para a caracterização da Situação Projectiva. *Análise Psicológica*, 4 (12), pp. 431-439.
- Marques, M. E. (1999). *A psicologia clínica e o Rorschach (1ª ed.)*. Lisboa: Climepsi.
- Martins, M. P. (2005). Discursos sobre o Rorschach: Construções na Intersubjectividade. *Análise Psicológica*, 4 (23), pp. 391-400
- Ogden, T. (1985). On potencial space. *International Journal of Psycho-Analysis*, 66 (2), 129-141.
- Ogden, T. (1994). The Analytic Third: Working with intersubjective clinical facts. *International Journal of Psycho-Analysis*, 75, 3-20.
- Ogden, T. (1994). *Subjects of Analysis*. London: Karnac Books
- Oneto, M. M., Marques, M. E., & Pinheiro, C. B. (2009). A natureza e especificidade do espaço mental através do Rorschach. Um espaço potencial) – Análise de um protocolo de uma paciente limite. *Análise Psicológica*, 3 (27), pp. 331-347.
- Rausch de Traubenberg, N. (1970). *A prática do Rorschach*. São Paulo: Editora Cultrix. (Obra original publicada em 1970)
- Symington, J., & Symington, N. (1999). *O Pensamento Clínico de Wilfred Bion*. Lisboa: Climepsi Editores. (Obra original publicada em 1997)
- Sandler, J. (1989). O conceito de identificação projectiva. In Sandler (Org.), *Projecção, Identificação e Identificação projectiva* (pp.24 – 37). Porto Alegre: Artes Médicas (Obra publicada em 1987).

ANEXOS

Anexo A - Protocolo Rorschach: Cyril, 20 anos

<p>I</p> <p>10'</p> <p>1- Uma borboleta.</p> <p>2- Uma mulher que está de costas que teria uma espécie de protecção ou de capa esburacada. Ela levanta os braços...como se segurasse um globo ou alguma coisa, como para uma cerimónia religiosa ou uma seita, uma coisa assim.</p> <p>3- Senão, isto seria uma máscara que teria sido aberta, vê-se o nariz, a boca que sobressai como Cirano de Bergerac, aqui com o fecho, enfim, um traço marcado, muito claro.</p> <p>4- V Uma espécie de monstro terrífico com os olhos em branco, a boca, um sorvedouro quase com a mandíbula que está incompleta.</p> <p>II</p>	<p>Uma mulher, tipo uma cerimónia religiosa: cabeça como se houvesse uma espécie de touca de cada lado. (G)</p> <p>Ele estaria separado em duas partes, ver-se-ia aqui o nariz seccionado (D lat.). De facto, a boca não a vejo.</p> <p>Nada de angustiante.</p> <p>Sim (olhos = Dbl sup.; narinas = Dbl inf. Cent.; a boca = Dbl in.) E aqui faltaria uma outra parte.</p>	<p>G F+ A Ban</p> <p>G H H</p> <p>G F- Masc</p> <p>Dbl ClobF (H)</p>
---	---	--

<p>25'</p> <p>5- Dir-se-ia ou duas pessoas que unem as mãos ou que dançam, dir-se-ia dois grandes ursos.</p> <p>6- Ou dois pulmões negros de fumo, sujados pelo fumo.</p> <p>7- Um desdobramento, a França e a Córsega em discórdia.</p> <p>1'45''</p>	<p>Dois ursos que dançam ao dar-se a mão (D lat.)</p> <p>Vejo-os negros, as duas manchas negras. (forma e cor matizada)</p> <p>A Córsega (D verm. Sup. Dir.) e a França deformada, isto representa a rebelião, o movimento separatista (D lat. Negro) desdobrado. (uma parte de cada lado). Resp. adic.: Ou, senão, as manchas vermelhas, isso faz pensar em sangue. (sobretudo D verm. Inf.) D C Sg</p>	<p>G K H/A</p> <p>D FC' Anat → E</p> <p>D/G F- Geo</p>
<p>III</p> <p>20'</p> <p>8- Duas mulheres que têm um saco na mão.</p> <p>9- do qual os soutiens tivessem voado.</p>	<p>(D. verm. Central)</p>	<p>G K H Ban</p> <p>D F+ Ves → kob</p>

<p>10- e depois...V>V e se o voltarmos, poder-se-ia ver dois fantasmas ou dois mortos-vivos que seguram um ceptro...</p> <p>3'20''</p> <p>IV</p> <p>15'</p>	<p>Esqueleto com um pescoço, um fantasma porque não vemos as pernas e aqui que seguraria uma espécie de ceptro, ou qualquer coisa assim. (parte negra no D inf. Central) Resp. adic: O fígado, não o disse, separado, rasgado, é o vermelho que me faz pensar nisso. (D verm. Sup.)</p> <p>D CF Anat</p>	<p>D K (H)</p>
<p>11- Um dragão. V É tudo o que eu vejo.</p> <p>V – Im.</p>	<p>V Um dragão, isto faz-me pensar numa imagem que eu vi, cabeça (D inf. Cent.) com os olhos aqui, as asas e o lado cinzento e a sombra, sombra, lado negro.</p> <p>Resp. adic. Poder-se-ia também ver mais um corpo, mas não sei, porque isto, isto faz pensar em pés</p> <p>Do F+ Hd</p>	<p>G FClob (A)</p>
<p>12- Ainda uma borboleta.</p>		<p>G F+ A Ban</p>

<p>13- V Distinguiria duas cabeças, uma cabeça de cavalo e a sua pata de cada lado. É tudo.</p>	<p>(D lat.)</p>	<p>D F+ Ad</p>
<p>VI- Im.</p>		
<p>14- Uma guitarra.</p>		<p>D F+ Obj</p>
<p>15- Ou uma pele de bisonte, qualquer coisa assim, de animal que serve de tapete. V Não, é tudo.</p>	<p>Um tapete, tipo uma pele de bisonte, isto faz pensar numa coisa índia (G), um pouco degradada, a cor. Índia por causa desta forma (D lat. Sup.), dir-se-ia qualquer coisa índia, do trabalho índio, tenho a impressão de já ter visto isto.</p>	<p>G FE A Ban</p>
<p>1'40''</p>		
<p>VII</p>		
<p>3'</p>		
<p>16- Isto poderia fazer pensar ao mapa de um país com contornos bastante bem recortados V...</p>	<p>Não é um país que conhecemos. Um país europeu ou escandinavo porque é muito recortado, aqui poderia fazer pensar em fiordes.</p>	<p>G F+/- Geo → E</p>

<p>17- Ou então veríamos duas cabeças de índios que gritam.</p> <p>1'50''</p> <p>VIII</p> <p>Gosto muito das cores.</p> <p>Ah! Sim, lembro-me disto.</p>	<p>Dois índios, a pluma e a cabeça, que gritam, que dançam ou gritam. Vejo-os a gritar. (D sup.) Resp. Adic.: Poder-se-ia pensar também em nuvens com zonas de sombra e vê-se relevos, é por isso também que isto me faz pensar num país.</p> <p>G EF Nuvem</p>	<p>D kp Hd</p>
<p>18- Sim, poderíamos distinguir dois pequenos animais, mamíferos, digamos tipo ratinho ou qualquer coisa assim.</p>	<p>Duas doninhas ou dois ursos.</p>	<p>D F+ A Ban</p>
<p>19- Senão, dir-se-ia que há, desde à bocado, esófagos, aqui um esófago, isto fez-me pensar nisso V...</p>	<p>Poderíamos encontrá-lo um pouco em todo o lado, este tubo.</p>	<p>D F- Anat</p>
<p>20- Senão, poder-se-ia pensar, com a forma aerodinâmica aqui, num <i>hovercraft</i>.</p> <p>2'30''</p>	<p>Um <i>hovercraft</i> (G), a forma dinâmica e ali seria os flutuadores. (D lat.)</p>	<p>D F+ Obj</p>

<p>IX-15''</p> <p><i>(movimento de recuo brusco)</i></p> <p>21- V Vejo um tipo de máscara ao meio.</p> <p>22- Com um osso ou uma espada à frente.</p> <p>23- Dois miúdos, dois fantasmas ou lobisomens, em laranja.</p> <p>Não sei se se diz assim e depois é tudo. De facto <i>(ri)</i> não vejo grande coisa neste desenho. <i>(faz girar o cartão sobre si mesmo)</i></p> <p>(?) Os lobisomens são mortos-vivos, monstros. Quando desempenhamos papéis, conhecemo-los todos.</p> <p>2'30''</p>	<p>Uma máscara, uma espécie de máscara (Dbl/lar.) com os olhos e uma espada ao meio. (D central)</p> <p>(miúdos?) <i>(ri)</i> Sim, mas não os vejo muito bem. Seria mais um rosto (no D lar.) com uma espécie de mão.</p> <p>(?) É um jogo de vídeo: <i>Donjon e Dragão</i></p>	<p>D F+/- Obj</p> <p>D F+ Anat/Obj</p> <p>D F+ (H)</p>
---	---	--

<p>X-20'</p> <p>Gosto muito deste.</p> <p>24- Vejo dois caranguejos.</p> <p>25- Duas nozes.</p> <p>26- Ou poder-se-ia-dizer também que são sóis.</p> <p>27- Um pássaro.</p> <p>28- E uma espécie de homem que voa com as suas asas. (D verd. cent.)</p> <p>29- Aqui vê-se uma espécie de Minotauro, com os seus joelhos, vê-se os abdómens, o torso com armações de veado na cabeça. V...</p> <p>1'45''</p>	<p>Há imensas coisas, isto faz-me pensar numa espécie de mini-universo.</p> <p>(D cast. sup. lat.)</p> <p>(Dd no D amar. inf.)</p> <p>(D sup. lar. central)</p> <p>Ele faz-me pensar numa personagem das BD americanas que se chama Vautour, é verde, tem asas e combate a aranha.</p> <p>(D cinz. sup.) Ventre do Minotauro com armações.</p> <p>Resp. adic.: Ali, vejo uma cabeça, veria ainda um monstro (D azul)</p> <p>D F- (H)</p>	<p>D F+ A</p> <p>D FC Alim → E</p> <p>D CF Nat</p> <p>D F+ A</p> <p>D K (H)</p> <p>D F- (A)</p>
---	--	---

	Resp. adic.: É ali (D azul lat.) provavelmente uma planta. D F+ Pl	
--	---	--

Prova das Escolhas:

Escolha +: VI ‘pela sua forma’

X ‘pela cor’

Escolha -: II ‘o vermelho evoca um pouco o sangue’

I ‘talvez porque é uma imagem de uma cerimónia religiosa’

Anexo B – Psicograma

Psicograma										
R	29	G	13	45%↑	ΣF	17	A	8	F%	57%
		D	16	55%	K	5	Ad	1	F+%	71%
					Kp	1	H/A	1		
					FE	1	H	2	Fa%	114%↑
					FClob	1	Hd	1	F+a%	86%↑
					ClobF	1	(H)	4		
					→ kob	2	Obj	4	A%	31%
					→ E	3	Geo	2	H%	28%
							Masc	1		
							Nat	1	Ban	5
							Alim	1		
							Anat/ Obj	1		
T.A:	G D									
FC:	1k/0,5ΣE									
RC%:	40									

Tabela 1. Procedimentos de Análise

Teoria		Técnica	
Espaço Potencial	Barreira de Contacto	Modos de Apreensão	- G% na norma (20 – 30%) - Diferenciação: G simples F+ - G no I, IV, V e VI com F+, K e kan - D% na norma (20 – 30%)
		Determinantes	- F% na norma (50 – 70%) - F+% na norma (80 – 85%)
	Função Alfa	Modos de Apreensão	- G associado a F+, K e kan - D associados a F+, K e kan
		Determinantes	- FC e FE
		Conteúdos	- Algumas Banalidades - Animais na norma (30-45%)
		E. Qualitativos	- Ausência de recusas e choques
	Capacidade de Rêverie	Ressonância Emocional	Modos de Apreensão
Determinantes			- Alternância F, K/kan/kp/kob, FC, FE - K ou kan no II, III e VII
Conteúdos			- Humanos - (H) em número limitado - Poucas Banalidades
E. Qualitativos			- Sensibilidade ao latente
Receptividade ao meio externo		Modos de Apreensão	- G e D elaborados - Exploração em G – D – Dd
		Determinantes	- Alternância F, K/kan/kp/kob, FC, FE - K ou kan no II, III e VII

		Conteúdos	- Diversificados - Humanos - (H) em número limitado
		E. Qualitativos	- Sensibilidade ao latente
Terceiro Intersubjectivo	Tridimensionalidade	Modos de Apreensão	- Dd na presença de G e D - Exploração em G – D – Dd
		Determinantes	- Cinestésicos nos cartões II, III e VII - Alternância F, K/kan/kp/kob, FC e FE - FE de perspectiva
		Conteúdos	- Banalidades em nº limitado - Diversificados e originais
		E. Qualitativos	- Verbalização rica e elaborada
	Flexibilidade e plasticidade mentais	Modos de Apreensão	- Exploração em G – D – Dd
		Determinantes	- F +/- em número limitado - Alternância F, K/kan/kp/kob, FC e FE
		Conteúdos	- Diversificados e originais
		E. Qualitativos	- Nº respostas superior (> 30)